



IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ

Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP
*Cep 11015-021 – Telefone 0**13 3232-4337*
www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055
e-mail: iepaz@terra.com.br

Subsede de São Vicente: Rua Frei Gaspar, 3331 – Cidade Náutica

CURSO PANORAMA BÍBLICO I
HISTÓRIA E TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

1º Semestre de 2018

HISTÓRIA DA BÍBLIA
Prof^ª. Maria Candida Alves

Texto Base: MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL, Pr. Antonio Gilberto, edição atualizada e ampliada de 1999, CPAD.

Outras fontes utilizadas:

A BÍBLIA ANOTADA (ARA), Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991, artigo *A Arqueologia e a Bíblia*, p. 1660-1662.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON (ECA), Frank Charles Thompson, Editora Vida, 2000, artigo *A Bíblia em Português*, Pr. Abraão de Almeida e Pr. Jefferson Magno Costa, p. 1377-1379.

ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA, R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO, Josh McDowell, Vol. I, 3ª edição, 1996, Editora Candeia, *Confirmações Arqueológicas*, p.87-91.

“...crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo...” (II Pe. 3.18).

HISTÓRIA DA BÍBLIA

ÍNDICE

I – A BÍBLIA E SEU ESTUDO	4
1. O QUE É A BÍBLIA.....	4
2. PORQUE DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA.....	4
3. COMO DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA	4
4. COMO PODEMOS ENTENDER A BÍBLIA	5
5. OBSERVAÇÕES ÚTEIS E PRÁTICAS NO MANUSEIO E ESTUDO DA BÍBLIA.....	6
5.1 Quanto ao Manuseio da Bíblia	6
5.2 Quanto ao Estudo da Bíblia	8
6. FONTES DE CONSULTA	8
II – A BÍBLIA E SUA HISTÓRIA	9
1. MATERIAIS EM QUE A BÍBLIA FOI ORIGINALMENTE ESCRITA.....	9
2. FORMATOS PRIMITIVOS DA BÍBLIA	9
3. O TIPO DE ESCRITA PRIMITIVA DA BÍBLIA	9
4. OS IDIOMAS ORIGINAIS DA BÍBLIA	10
5. OS ESCRITORES DA BÍBLIA	10
6. A ORIGEM DO NOME "BÍBLIA"	10
7. MANUSCRITOS ORIGINAIS DA BÍBLIA E CÓPIAS DE ORIGINAIS	11
8. AS TRADUÇÕES MAIS FAMOSAS DA BÍBLIA	12
9. AS BÍBLIAS DE EDIÇÃO CATÓLICO-ROMANA. OS APÓCRIFOS.....	13
10. A BÍBLIA HEBRAICA.....	14
11. AS SOCIEDADES BÍBLICAS.....	14
12. AS MODERNAS VERSÕES E REVISÕES DA BÍBLIA	15
III – A BÍBLIA E SUA ESTRUTURA	16
1. A UNIDADE FÍSICA DA BÍBLIA.....	16
1.1 A Estrutura da Bíblia	16
1.2 O Antigo Testamento.....	17
1.3 O Novo Testamento.....	17
2. O TEMA CENTRAL DE TODOS OS LIVROS DA BÍBLIA	18
3. FATOS E PARTICULARIDADES DA BÍBLIA	19
IV – A BÍBLIA E SUA MENSAGEM	19
1. A ORIGEM DIVINA DA BÍBLIA.....	20
2. REQUISITOS PARA O PROGRESSO NO CONHECIMENTO DA PALAVRA.....	22
3. A APLICAÇÃO DA MENSAGEM DA BÍBLIA (PV. 25.11).....	23

V – A BÍBLIA EM PORTUGUÊS	24
1. O PERÍODO DAS TRADUÇÕES PARCIAIS	24
2. O PERÍODO DAS TRADUÇÕES COMPLETAS	25
2.1 A Tradução de Almeida	25
2.2 A Bíblia de Rahmeyer	26
2.3 A Tradução de Figueiredo	26
3. A BÍBLIA NO BRASIL	27
3.1 Traduções Parciais.....	27
3.2 Traduções Completas.....	27
VI –A BÍBLIA E A ARQUEOLOGIA.....	28
1. A NATUREZA E O PROPÓSITO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	28
2. AS FUNÇÕES DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	28
3. A ARQUEOLOGIA E O TEXTO DA BÍBLIA	28
3.1 Papirologia.....	29
3.2 Os Manuscritos do Mar Morto.....	30
4. OS MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS.....	31
4.1 A Escavação de um Sítio Arqueológico	31
4.2 O Sistema de Trabalho	31
5. O USO DA ARQUEOLOGIA NA BÍBLIA	32
5.1 Para Ilustrar a História da Bíblia.....	32
5.2 Para Sublinhar a Realidade da Inspiração Divina	32
5.3 Para Despertar Interesse pela Bíblia.....	33
5.4 Para Fornecer um Argumento Apologético	33
5.5 Para Fornecer Valor Exegético	33
6. AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA	34
7. CÓDICES E MANUSCRITOS BÍBLICOS	34
7.1 Confirmações Arqueológicas do Antigo Testamento.....	35
7.2 Confirmações Arqueológicas do Novo Testamento.....	37
a) Pessoas, Acontecimentos e Cidades Citados no Livro de Atos	37
b) As Viagens Missionárias de Paulo	38
CONCLUSÃO	40

HISTÓRIA DA BÍBLIA

I – A BÍBLIA E SEU ESTUDO

1. O QUE É A BÍBLIA

A Bíblia é a revelação de Deus para a humanidade. Seu Autor é Deus mesmo. Seu real intérprete é o Espírito Santo. Seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo. Esta atitude para com a Bíblia é de vital importância para o êxito no seu estudo. Nossa atitude para com a Bíblia mostra nossa atitude para com Deus. Sendo a Bíblia a revelação de Deus, ela expressa a vontade de Deus. Ignorar a Bíblia é ignorar essa vontade. Certo autor anônimo corretamente declarou: *"A Bíblia é Deus falando ao homem; é Deus falando através do homem; é Deus falando como homem; é Deus falando a favor do homem; mas é sempre Deus falando!"*

2. PORQUE DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA

- a) Porque ela ilumina o caminho para Deus (Sl. 119.105,130).
- b) Porque ela é o alimento espiritual que nos dá o crescimento na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo (Jr. 15.16; IPe. 2.1-2; II Pe. 3.18).
- c) Porque ela é o instrumento que o Espírito Santo usa para operar (Ef. 6.17). Se queremos que o Espírito Santo opere em nós, inclusive no ministério da oração (Jd. v. 20), precisamos ter e conhecer o instrumento que Ele utiliza — a Palavra de Deus. Na oração precisamos apoiar nossa fé nas promessas de Deus, e essas promessas estão na Bíblia!
- d) Porque ela nos vivifica (Sl. 119.107).

3. COMO DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA

- a) *Conhecendo seu Autor*: Deus (Is. 34.16; Jr. 1.12). Assim sendo, Ele mesmo a revelará (Lc. 24.45; ICo. 2.10-13). Ninguém pode explicar melhor um livro do que o seu autor. Se conhecermos o seu Autor, a compreensão da Bíblia se tornará mais fácil.
- b) *Lendo a Bíblia diariamente* (Dt. 17.19). Fazendo assim estaremos nos alimentando diretamente na mesa divina. O crente que não lê a Bíblia só recebe o alimento que alguém põe na sua boca.
- c) *Lendo a Bíblia em oração* (Sl. 119.18; Ef. 1.16-17). Na presença do Senhor em oração, as coisas ocultas são reveladas. Quando lemos a Bíblia, Deus fala conosco; quando oramos, falamos com Deus. A Bíblia e a oração se completam.
- d) *Aplicando a Bíblia a nós mesmos*. Há pessoas que aplicam para si todas as bênçãos, conforto e promessas encontradas na Bíblia; e todas as ameaças, exortações e avisos aplicam aos outros. Devemos ter a atitude de Josué, quando o Senhor se manifestou a ele como homem (uma das teofanias do AT): *"Que diz meu Senhor ao seu servo?"* (Js. 5.14b). Não devemos "importar" mensagens para a Bíblia e sim "exportar" dela. Muitos não recebem nada da Bíblia, porque já têm suas ideias próprias, baseadas na sua própria "teologia", e querem enxertar seus pontos de vista na revelação divina¹. Devemos nos achegar à Bíblia de mente e coração abertos e receptivos à mensagem divina para sermos abençoados.

¹ O Pr. Norman Geisler, no livro *"Resposta às Seitas"*, chama isso de "eisegese".

e) *Lendo a Bíblia toda*. Na Bíblia nada é dito de uma vez, nem uma vez por todas. Se não lermos a Bíblia inteira não conheceremos a verdade divina completa. Não podemos pretender conhecer e opinar sobre um livro que não lemos por inteiro. Entretanto, não podemos esperar compreender a Bíblia toda (Dt. 29.29). É evidente que Deus sabe infinitamente mais que todos os homens juntos. A Bíblia, sendo um livro divino, é inesgotável.

4. COMO PODEMOS ENTENDER A BÍBLIA

a) *Crendo no que ela ensina*, sem duvidar. A dúvida é um empecilho à compreensão das Escrituras (Lc. 24.21-25).

b) *Lendo por amor e prazer, com fome de aprender as coisas de Deus* (Pv. 2.3-5; Mc. 12.37; IPe. 2.2). Com a mente devemos aprender e memorizar a Bíblia, e com o coração amá-la (Hb. 10.16). Há pessoas que sabem a Bíblia quase toda de memória. Isso é louvável. Contudo, é melhor um versículo no coração, sendo amado e obedecido, do que dez apenas na cabeça. "*Ponde no coração*" (Dt. 6.6). É admirável haver pessoas que acham tempo para ler, ouvir e ver tudo, menos a Palavra de Deus. Resultado: comem tanto outras coisas que perdem o apetite pela Palavra de Deus. É justo e próprio ler boas coisas; melhor ainda é nos ocuparmos com a Bíblia. É também estarrecedor o fato que muitos líderes de igrejas não incentivam seu povo a ler a Bíblia. Ao crente não basta assistir aos cultos, ouvir sermões e testemunhos, frequentar estudos bíblicos, ler boas obras de cultura bíblica em geral. É preciso a leitura bíblica individual, pessoal, diária e contínua da Bíblia.

c) *Crescendo sempre espiritualmente*. Deus não pode revelar nada para quem não tem estatura espiritual para compreender (Mc. 4.33; Hb. 5.13-14). Crianças só podem comer coisas leves (ICo. 3.2; Hb. 5.13; IPe. 2.2). Procuremos nos aprofundar na vida espiritual. Nossa compreensão da Bíblia depende em grande parte da profundidade da nossa comunhão com Deus. A planta da parábola definhou e morreu porque o terreno era raso (Mt. 13.5-6). A Palavra de Deus deve ser estudada, ao mesmo tempo em que o Deus da Palavra deve ser amado e adorado.

d) *Sendo cheios do Espírito Santo*. Ele conhece as coisas profundas de Deus (ICo. 2.10).

e) *Sendo humildes* (Tg. 1.21). Deus revela seus segredos aos humildes, submissos e obedientes à sua Palavra (Sl. 25.14; Mt. 11.25). Quanto maior for a nossa comunhão com Deus, mas humildes seremos. Numa árvore frutífera os galhos mais carregados são os que se abaixam mais. A graça de Deus está reservada aos humildes (IPe. 5.5).

f) *Dispostos a agradar a Deus*. Devemos estar dispostos a obedecer à verdade revelada (Sl. 119.33; Pv. 2.1-2,5; Jo. 7.17; 13.17). Para isso, ao ler a Bíblia devemos aplicá-la primeiro a nós mesmos, evitando ser apenas curioso e especulador.

g) *Participando das reuniões de estudo bíblico*. Deus tem vasos escolhidos não só para pregar, mas também para ensinar (ICo. 12.28). Há crentes que gostam de todos os tipos de reuniões, menos as de estudo bíblico.

5. OBSERVAÇÕES ÚTEIS E PRÁTICAS NO MANUSEIO E ESTUDO DA BÍBLIA

5.1 Quanto ao Manuseio da Bíblia

a) Apontamentos individuais. Um bom hábito é anotar nossas meditações na Palavra de Deus, pois nossa memória falha com o tempo. Esses apontamentos devem ser separados por assunto, pois se não houver uma organização essas anotações não terão utilidade.

b) Aprenda a ler e escrever referências bíblicas. Um sistema simples e rápido para escrever referências bíblicas é o adotado pela Sociedade Bíblica do Brasil: duas letras, sem ponto abreviativo, para cada livro da Bíblia². Entre capítulo e versículo põe-se apenas um ponto. Exemplos de referências por esse sistema:

1 Jo 2.4 (primeira carta de João, capítulo 2, versículo 4). Obs.: também se usa I e II (algarismos romanos); o espaço entre o número e o nome também pode ser suprimido: IIPe 2.9 (segunda carta de Pedro, capítulo 2, versículo 9).

Jó 2.4 (Jó, capítulo 2, versículo 4).

Jn 2.4 (Jonas, capítulo 2, versículo 4).

Fp 1.29 (Filipenses, capítulo 1, versículo 29).

Fm v. 14 (Filemom, versículo 14).

Todas as Bíblias trazem, logo nas primeiras páginas, a abreviatura correta do nome dos livros, que devem ser observados para evitar erros na identificação das referências. Por exemplo: Carta aos Filipenses = Fp e não FI

Carta a Filemom = Fm e não FI

I Pedro = IPe e não IPd

Habacuque = Hc e não Hb

c) Diferença entre texto, contexto, referência, e inferência.

- *Texto.* São as palavras contidas numa passagem.

- *Contexto.* É a parte que fica antes e depois do texto que estamos lendo. O contexto pode ser imediato ou remoto. Pode ser um versículo, um capítulo ou um livro inteiro, como é o caso do livro de Provérbios.

- *Referência.* É a conexão direta entre determinado assunto. Além de indicar livro, capítulo e versículo, a referência pode levar outras indicações, conforme a clareza que se queira dar, como:

- Indicação da parte inicial de um versículo: Rm. 11.17a.
- Indicação da parte final de um versículo: Rm. 11.17b.
- Indicação de versículos que se seguem ou não até o fim do capítulo em estudo: Rm. 11.17ss.
- Recomendação para não se deixar de ler o texto indicado no momento "qv". Vem da expressão latina *quod vide* = que veja.
- Recomendação para que se compare, confira ou confronte o texto indicado: "cf." Vem do latim *confere*.

² É regra gramatical da língua portuguesa que toda abreviatura deve ser seguida por um ponto. A SBB criou sua própria regra, abolindo o ponto na abreviação do nome dos livros da Bíblia. Essa orientação da SBB geralmente é seguida em todas as publicações.

As referências podem ser verbais ou reais (também chamadas autênticas). *Referência verbal* é um paralelismo de palavras. Se isto não for levado em consideração, pode conduzir a graves erros de compreensão e interpretação do texto bíblico.

Por exemplo: a palavra **fé** tem vários sentidos nas Escrituras. Outro exemplo é o vocábulo **Lei**, que na Carta aos Romanos aparece com vários sentidos. Também "sabedoria", em Provérbios refere-se à divina; em Eclesiastes, à humana. A referência verbal pode ser de nomes próprios, como por exemplo em Esdras 8.16, onde temos num mesmo versículo mais de uma pessoa com o mesmo nome.

Já as *referências reais* ou autênticas tratam sempre do mesmo assunto. Por exemplo: Zacarias 14.4-5 e Judas v. 14 são referências reais sobre a volta de Cristo em glória, quando seus pés tocarão o Monte das Oliveiras. Outras do mesmo grupo são: Mateus 25.31; II Tessalonicenses 2.8; Apocalipse 1.7 e 19-11ss.

- *Inferência*. É uma conexão indireta entre assuntos; uma ilação ou conclusão que se faz.

d) Manuscritos bíblicos e versões da Bíblia. Manuscritos são cópias dos originais. Versões são as traduções dos manuscritos.

Existem aproximadamente 5.300 manuscritos gregos do Novo Testamento, mais de 10.000 manuscritos da Vulgata Latina e pelos menos 9.300 de outras antigas versões, logo temos hoje mais de 24.000 cópias de porções do Novo Testamento, todos devidamente identificados, catalogados e preservados na Biblioteca do Vaticano e em grandes universidades dos EUA e Europa.

e) Siglas das diferentes versões. O uso dessas siglas poupa o tempo e facilita o trabalho de identificação das referências:

ARC: Almeida Revista e Corrigida. É a tradução antiga de Almeida em Português, que vem sendo impressa desde longa data pela Imprensa Bíblica Brasileira, pela Sociedade Bíblica do Brasil e outras agências publicadoras como a CPAD.

ARA: Almeida Revista e Atualizada. É a Bíblia de Almeida, com revisão e atualização da ortográfica da língua portuguesa, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil a partir de 1958.

FIG: Antonio Pereira de Figueiredo. Impressa pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Londres.

SOARES: Matos Soares. Versão popular dos católicos brasileiros (Edições Paulinas).

TR BR: Tradução Brasileira, publicada pela primeira vez em 1917.

VIBB: Versão da Imprensa Bíblica Brasileira.

ECA: Edição Contemporânea de Almeida, publicada pela Editora Vida.

SBT: Versão de Almeida, da Sociedade Bíblica Trinitariana.

NVI: Nova Versão Internacional.

NTLH: Bíblia na Linguagem de Hoje.

f) O tempo cronológico. Antes e depois de Cristo, corresponde em outros idiomas a AD, do latim *Anno Domini*, ano do Senhor, em alusão ao nascimento de Cristo.

a.C. = Antes de Cristo. São as iniciais dessas duas palavras.

d.C. = Depois de Cristo. Esta abreviatura ou redução corresponde em outros idiomas a AD, do latim *Anno Domini*, isto é, ano do Senhor, em alusão ao nascimento de Jesus.

AEC = antes da era cristã e EC = era cristã são abreviaturas usadas por algumas seitas.

g) Manuseio do volume sagrado. Devemos ter completo domínio do manuseio da Bíblia, a fim de encontrar com rapidez qualquer referência. Lembremos do exemplo de Jesus, que "*achou o lugar onde estava escrito*" (Lc. 4.17). Naquele tempo isso era muito difícil. Os livros tinham a forma de rolos e não era tão fácil achar a passagem que se queria. Hoje o modelo editorial, com a separação e numeração do texto em capítulos e versículos, permite localizar rapidamente o trecho desejado.

5.2 Quanto ao Estudo da Bíblia

- Conheceremos a Deus, de fato, não apenas estudando a Bíblia, mas primeiramente amando-O de todo o coração e crescendo na comunhão com Ele (Jo. 14.21-23; IJo. 4.7).

- A Bíblia é destinada ao coração (para ser amada), e à mente (para ser estudada e entendida — Hb. 10.16).

- É nulo o conhecimento espiritual destituído de fé (Hb. 4.2).

6. FONTES DE CONSULTA

Os obreiros do evangelho, e os cristãos zelosos de modo geral, precisam ter sua biblioteca particular. O grande apóstolo Paulo tinha suas fontes de consulta (II Tm. 4.13). Sempre houve muitos livros no mundo. Salomão no seu tempo já dizia: "*Não há limite para fazer livros*" (Ec. 12.12). Não se trata de ter muitos livros, mas de ter bons livros, abrangendo a cultura secular e a cultura bíblica em geral. Nestes tempos modernos existe também a possibilidade de se consultar rapidamente, pela internet, qualquer tema desejado, porém é necessário alguns cuidados para não acolher informações espúrias e até mesmo falsas. Abaixo sugerimos algumas boas fontes de consulta. Quase todas elas estão disponíveis gratuitamente na internet:

- A Bíblia. Todas as legítimas versões em português.

- Dicionário de Português

- Dicionário Bíblico

- Gramática da Língua Portuguesa

- Concordância Bíblica, para localizar versículos.

- Chave Bíblica, para resumo dos livros.

- Comentários Bíblicos

- Manuais de Doutrina

- Atlas Bíblico

- Apontamentos individuais (cadernos, fichários etc.)

Observações sobre as fontes de consulta

- Os livros comuns podem ser bons, mas não substituem a Bíblia.
- Há pessoas que após lerem determinado livro, passam a ser um mero eco ou reflexo dele. Devemos ser cautelosos nisso.
- Há divergência entre os diferentes autores, devido às diferentes escolas e correntes teológicas, mas na Bíblia não há divergência! Portanto ela é sempre a autoridade suprema e principal.
- Devemos estudar a Bíblia não pela luz deste ou daquele teólogo, mas pela luz do Espírito de Deus, sentindo sempre seu toque, direção e prumo.
- É notável que o Novo Testamento inicia com o vocábulo *livro* (Mt. 1.1). Como ficam aqueles que não gostam de livros?

II – A BÍBLIA E SUA HISTÓRIA

Distinguem-se na Bíblia duas coisas em resumo: o livro de Deus e a mensagem de Deus. Na Bíblia como livro de Deus, vemos dois aspectos: sua história e sua estrutura. Este capítulo ocupa-se da história, no próximo trataremos da estrutura, e depois da Bíblia como a mensagem de Deus.

1. MATERIAIS EM QUE A BÍBLIA FOI ORIGINALMENTE ESCRITA

Os principais foram dois: papiro e pergaminho. O **papiro** era extraído de uma planta aquática desse mesmo nome. Há várias menções dele na Bíblia (Êx. 2.3; Jó 8.11; Is. 18.2; IIJo. 12). De ‘papiro’ deriva a palavra ‘papel’. Seu uso na escrita vem de 3.000 a.C. no Egito.

Pergaminho é a pele de animais curtida e preparada para escrita. É um material superior ao papiro, porém de uso mais recente do que aquele. Teve seu uso generalizado a partir do início do Século I na Ásia Menor. Também é citado na Bíblia (ITm. 4.13).

2. FORMATOS PRIMITIVOS DA BÍBLIA

Os livros antigos se apresentavam em dois formatos: rolos e códices. O **rolo** era um rolo de fato, feito de papiro ou pergaminho. Era preso a dois cabos de madeira para facilitar o manuseio. Cada livro da Bíblia era um rolo em separado. Naquele tempo ninguém podia conduzir pessoalmente a Bíblia como fazemos hoje. O que tornou isso possível foi a invenção do papel no Século II pelos chineses, e a da prensa de tipos móveis pelo alemão Johann Gutenberg em 1450 d.C., que deu forma aos livros atuais.

O **códice** é uma obra no formato de livro de grandes proporções. Nosso vocábulo *livro* vem do latim *líber*, que significou primeiramente casca de árvore e depois livro.

3. O TIPO DE ESCRITA PRIMITIVA DA BÍBLIA

Tudo era manuscrito, um trabalho feito pelos escribas de modo laborioso, lento e oneroso. **Uncial** é o manuscrito que contém só maiúsculas, e **cursivo** o que contém só

minúsculas. Deus tem abençoado maravilhosamente a humanidade, com sucessivos avanços tecnológicos. A difusão da Bíblia é um resultado direto desse progresso. Ela foi o primeiro livro a ser impresso, e hoje em dia milhões de exemplares são impressos em muitos pontos do globo terrestre com rapidez e facilidade.

4. OS IDIOMAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

Os dois principais são: o hebraico, para o Antigo Testamento e o grego, para o Novo Testamento. Foi nessas línguas que a Bíblia foi originalmente inspirada. As traduções só conservam a inspiração quando reproduzem fielmente o original.

5. OS ESCRITORES DA BÍBLIA

A existência da Bíblia, abrangendo seus escritores, sua formação, sua composição, sua preservação e sua transmissão só pode ser considerada um milagre de Deus. Foram cerca de 40 os escritores da Bíblia. A Palavra Escrita de Deus nos foi dada por canais humanos, assim como a Palavra Viva — Cristo (Ap. 19.13).

Esses homens tiveram as mais variadas profissões e exerceram diversas atividades. Escreveram no deserto, em castelos, em cavernas e em prisões. Escreveram em tempo de paz e em tempo de guerra. Escreveram e viveram distantes uns dos outros em épocas e condições totalmente diferentes. Levaram 1500 anos para escrever. Apesar de todas essas dificuldades, a Bíblia não contém erros nem contradições. Há sim algumas dificuldades na sua compreensão, interpretação, tradução e aplicação, mas tudo isso devido a incapacidade humana em todos os sentidos.

6. A ORIGEM DO NOME "BÍBLIA"

Este nome consta apenas na capa da Bíblia, não consta no texto do volume sagrado. Foi primeiramente aplicado às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, grande reformador e patriarca de Constantinopla (347-407 d.C.). O vocábulo significa etimologicamente "coleção de livros pequenos", isto porque os livros da Bíblia são pequenos, formando todos eles um volume não muito grande como tão bem o conhecemos. De fato, a Bíblia é uma coleção de livros perfeitamente harmônicos entre si. Por isso, a palavra sendo um plural no grego, passou a ser singular nas línguas modernas.

A folha de papiro preparada para escrita era chamada "biblos" pelos gregos. O rolo pequeno de papiro chamavam "biblion" e o plural deste chamavam "bíblia". Portanto o vocábulo **Bíblia** deriva da língua grega. Os vocábulos *biblos* e *biblion* constam do Novo Testamento grego:

Biblos – em Jo. 21.25; ITm. 4.13 e Ap. 20.12.

Biblion – em ICo. 4.17 e Jo. 20.30.

A definição canônica mais curta da Bíblia diz: "A Bíblia é a revelação de Deus para a humanidade". Tudo o que Deus tem preparado para o homem, bem como o que Ele requer do homem, e tudo o que o homem precisa saber espiritualmente da parte dEle, quanto à sua redenção e felicidade eterna, está revelado na Bíblia. Tudo o que o homem tem a fazer é tomar a Palavra de Deus e apropriar-se dela pela fé. O autor da Bíblia é Deus; seu real intérprete é o

Espírito Santo, e seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo. O homem deve ler a Bíblia para ser sábio, crer na Bíblia para ser salvo e praticar a Bíblia para ser santificado. A coleção completa dos livros divinamente inspirados que constituem a Bíblia é chamada **cânon**.

Os nomes canônicos mais comuns do Livro Sagrado são:

- Escrituras ou Sagradas Escrituras (Mt. 21.42; Rm. 1.2).
- Livro do Senhor (Is. 34.16).
- A Palavra de Deus (Mc. 7.13; Hb. 4.12).
- Oráculos de Deus (Rm. 3.2).

7. MANUSCRITOS ORIGINAIS DA BÍBLIA E CÓPIAS DE ORIGINAIS

Os manuscritos bíblicos são indicados pela abreviatura MS.

Manuscritos originais, isto é, saídos das mãos dos escritores, não existe mais nenhum conhecido no momento. Deus na sua providência permitiu isso. Se existisse algum, os homens o adorariam mais do que ao seu divino Autor. A serpente de metal posta entre os israelitas como meio de auxílio à fé em Deus (Nm. 21.8-9; Is. 45.22), foi depois idolatrada por eles (IIRs. 18.4). Deus cuidou do sepultamento de Moisés e ocultou o seu local, porque certamente o povo adoraria seu corpo (Dt. 34.5-6). O Diabo tinha interesse na idolatria e contendeu com o arcanjo que procedeu ao funeral de Moisés (Jd. v. 9). Milhões de pessoas, em muitos países, adoram a cruz de Cristo, ao invés do próprio Cristo.

Além disso, temos a considerar o seguinte, historicamente, quanto à inexistência de manuscritos originais:

a) Era costume dos judeus enterrar os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra causa, para evitar sua mutilação, profanação e interpolação espúria.

b) Os reis idólatras e ímpios de Israel podem ter destruído muitos deles, ou contribuído para isso, como é o caso descrito em Jeremias 36.20-26.

c) O tirano Antíoco Epifânio, rei da Síria (175-164 a.C.), durante seu reinado dominou sobre toda a Palestina. Foi um homem extremamente cruel. Tinha prazer em aplicar torturas. Decidiu exterminar a religião judaica. Assolou Jerusalém em 168 a.C., profanando o templo e destruindo todas as cópias que achou das Escrituras.

d) Nos dias do feroz imperador romano Deocleciano (284-306 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante 10 anos Deocleciano mandou vasculhar o império, visando destruir todos os escritos sagrados. Chegou a crer que tivesse destruído tudo e mandou cunhar uma moeda comemorando tal vitória.

A literatura judaica afirma que a missão da chamada Grande Sinagoga, presidida por Esdras, foi reunir e preservar os manuscritos originais do Antigo Testamento — utilizados posteriormente pelos *Setenta* no preparo da Septuaginta — a primeira tradução das Escrituras do Antigo Testamento do hebraico para o grego.

Os textos em língua original de que se utilizam os atuais eruditos no preparo das modernas versões, são reproduções das atuais cópias de originais.

Cópias de manuscritos originais. Há inúmeras, em várias partes do mundo, e deixamos de discorrer aqui sobre cada uma delas. Esses manuscritos harmonizam-se admiravelmente, assegurando-nos assim da sua autenticidade. Uma confirmação disso vemos nos Manuscritos do Mar Morto.

8. AS TRADUÇÕES MAIS FAMOSAS DA BÍBLIA

a) **A Septuaginta.** Foi a primeira tradução da Bíblia. Local: Alexandria, no Egito. Tempo: cerca de 285 a.C. A tradução foi feita do hebraico para o grego. Evidentemente compreende só o Antigo Testamento. Foi a Bíblia que Jesus e seus apóstolos usaram. A mais antiga cópia da Septuaginta está na biblioteca do Vaticano. Data de 325 d.C.

b) **A Vulgata.** É uma tradução da Bíblia completa, feita por Jerônimo, concluída em 405 d.C. Local: Belém, Palestina. Jerônimo foi um notável erudito da igreja que estava em Roma, que nesse tempo ainda mantinha a pureza espiritual. A tradução foi feita do hebraico para o latim — a língua oficial do Império Romano. Ela é a versão oficial da Igreja Católica Romana desde o Concílio de Trento (1.546 d.C.).

c) **A Versão Autorizada** ou **Versão do Rei Tiago (King James).** Local da tradução: Inglaterra. Tempo: 1611 d.C. Essa versão é até hoje a predileta dos povos de fala inglesa. O povo inglês tem alta veneração pela Bíblia. Ela formou a mentalidade desse povo, e é tida como seu sustentáculo e seu maior legado.

d) **Em português,** a primeira tradução da Bíblia em português foi feita pelo pastor João Ferreira de Almeida. Fato interessante é que o trabalho foi realizado fora de Portugal, na cidade de Batávia, na ilha de Java, no Oceano Índico. Hoje essa cidade chama-se Jacarta, capital da República da Indonésia. Almeida foi ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa, a mesma que enviou missionários para evangelizar o Brasil durante a ocupação holandesa no século XVII.

As Versões de Almeida

A Versão ARC (Almeida Revista e Corrigida). A Imprensa Bíblica Brasileira publicou em 1951 a Edição Revista e Corrigida, abreviadamente conhecida por ARC.

A Versão ARA (Almeida Revista e Atualizada). Uma comissão de especialistas brasileiros trabalhou de 1946 a 1956 e preparou a Edição Revista e Atualizada de Almeida, conhecida abreviadamente por ARA. O Novo Testamento foi publicado em 1951. O Antigo Testamento, em 1958. A publicação é da Sociedade Bíblica do Brasil. Foi usado o texto grego de Nestle para o Novo Testamento e o hebraico de Letteris para o Antigo Testamento.

e) Outras Versões em Português

Huberto Rhoden - Padre brasileiro de Santa Catarina, traduziu só o Novo Testamento a partir do texto grego Nestle. Foi publicada em 1935. Esse padre deixou a Igreja Romana. Essa versão é muito usada na crítica textual.

Matos Soares - Também um padre brasileiro, traduziu da Vulgata. Foi publicada no Brasil em 1946 e em Portugal desde 1933. É a Bíblia popular dos católicos romanos de fala portuguesa. Um grave inconveniente são os itálicos, que às vezes são mais extensos do que o texto em si, e conduzem a preconceitos e tendências.

Versão da Imprensa Bíblica Brasileira - AIBB lançou em 1968, após longos anos de cuidadoso trabalho, uma nova versão em português, conhecida como VIBB, baseada na tradução de Almeida. Nessa versão foram utilizados os melhores textos em hebraico e grego.

A Igreja Católica Romana tem publicado outras edições dos Evangelhos e Novo Testamento. Os itálicos e apêndices conduzem, é claro, às doutrinas da igreja católica.

As Testemunhas de Jeová publicam uma versão falsificada de toda a Bíblia — a "Tradução do Novo Mundo". O texto é mutilado e cheio de interpolação. Foi preparada para apoiar as crenças antibíblicas dessa seita.

A Bíblia toda ou em parte acha-se traduzida atualmente em 2.092 línguas e dialetos.

9. AS BÍBLIAS DE EDIÇÃO CATÓLICO-ROMANA. OS APÓCRIFOS

As versões católicas têm 7 livros a mais, perfazendo 73 ao todo. Esses livros são os chamados "apócrifos", palavra que significa não genuíno, espúrio. O termo grego "apócrifo" em Mc. 4.22b; Lc. 8.17b; Cl 2.3. São livros não inspirados Os 7 apócrifos estão todos inseridos no Antigo Testamento. Isso foi feito muito depois de encerrado o cânon, por conveniência da Igreja Romana. A aprovação desses livros por essa igreja deu-se no Concílio de Trento em 1546, em meio a muita controvérsia. Seus títulos são:

- Tobias
- Judite
- Sabedoria de Salomão
- Eclesiástico (não confundir com o livro canônico Eclesiastes)
- Baruque
- I Macabeus
- II Macabeus

Além dos sete livros acima, as Bíblias de edição católica romana têm mais 4 acréscimos a livros canônicos, que são os seguintes:

- Ester (acréscimo ao livro de Ester)
- Cântico dos Três Santos Filhos (acréscimo ao livro de Daniel)
- História de Suzana
- Bel e o Dragão (acréscimo ao livro de Daniel)

As Bíblias católicas têm livros cujos nomes diferem daqueles empregados nas edições evangélicas. Essa diferença não tem grande importância. Entretanto, como os protestantes usam também Bíblias de edição católica, é bom que se dê um quadro explicativo, que os auxilie no manejo das diferentes edições.

<i>Bíblia Protestante</i>	<i>Bíblia Católica</i>
I e II Samuel.....	I e II Reis
I e II Reis.....	III e IV Reis
I e II Crônicas.....	I e II Paralipômenos
Esdras, Neemias.....	I e II Esdras
Lamentações de Jeremias.....	Trenos

Como se vê, é uma simples questão de nomes, mais ou menos apropriados, segundo o critério das autoridades que dirigem as edições, e para todos eles há justificativas histórica e tradicional.

Notam-se também variações na numeração dos Salmos:

Bíblia Católica *Bíblia Protestante*

Sl. 9,10..... Sl. 9

Sl. 11-113 Sl. 10-112

Sl. 114,115..... Sl. 113

Sl. 116..... Sl. 114,115

Sl. 117-146 Sl. 116-145

Sl. 147..... Sl. 146,147

Cancelados os livros apócrifos, as Bíblias católicas e protestantes são substancialmente idênticas. Basta conferi-las. Aparecem naturalmente variações na linguagem e até mesmo de sentido, o que é inevitável em qualquer obra de tradução. A causa às vezes, está na diferença de competência do tradutor, outras vezes nas variações das fontes originais.

Os católicos chamam *protocanônicos* os nossos 39 livros do Antigo Testamento. Os que nós chamamos apócrifos, eles chamam deuterocanônicos. Os que chamamos pseudoepigráficos, eles chamam apócrifos. Os evangélicos chamam de pseudoepigráficos um grupo de livros espúrios, nunca reconhecidos nem pela Igreja Católica. A esses, essa igreja chama apócrifos.

10. A BÍBLIA HEBRAICA

Consiste apenas no nosso Antigo Testamento. Na Bíblia dos judeus o arranjo dos livros é diferente, e o total é 24 em vez de 39, porque vários grupos de livros são contados como um só livro. O texto é sempre o mesmo. Os 24 livros estão classificados nos três grupos que Jesus referiu-se em Lucas 24.44 — lei, profetas, escritos. Os Salmos eram o primeiro livro do último grupo, talvez por isso citado em Lc. 24.44, para indicar todo o último grupo.

11. AS SOCIEDADES BÍBLICAS

Há no Brasil várias entidades evangélicas publicadoras e distribuidoras de Bíblias. A primeira é a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), fundada em 02/07/1940. A segunda é a Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 10/06/1948, resultante da fusão em 1942 da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana. Dessa fusão (de 1942 a 1948) surgiu a Sociedades Bíblicas Unidas. A agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Rio de Janeiro foi a primeira desse gênero organizada na América Latina.

A primeira remessa de Bíblias para aquisição popular chegou ao Brasil em 1822 — o ano da nossa independência política. É significativa essa conotação entre a chegada da Bíblia em massa e a independência do Brasil. A primeira, trazendo a emancipação espiritual; a segunda, a política. Essa primeira remessa foi de 2000 exemplares de Bíblias e Novos Testamentos,

enviada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com sede em Londres. Porto de chegada no Brasil: Recife.

Em 1855 novas portas se abriram para uma maior difusão da Bíblia no Brasil, com a fundação da primeira igreja evangélica na nossa terra — a Congregacional, pelo missionário Roberto Kalley e esposa. A partir daí ele desenvolveu grande esforço para a divulgação da Bíblia.

Em 1856 foi fundada a primeira agência distribuidora de Bíblias no Brasil, pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). A segunda agência foi a Sociedade Bíblica Americana (SBA), fundada em 1876. Ambas funcionaram no Rio de Janeiro. Antes disso, Bíblias já circulavam no Brasil, vindas através de comandantes de navios que as entregavam nas casas comerciais estrangeiras para revenda. Outro fator marcante foram os distribuidores itinerantes (colportores), como é o caso do Rev. James Thompson enviado pela SBBE em 1818, o qual viajou muito através das Américas, distribuindo o Santo Livro. Outro caso que muito contribuiu para o mesmo fim é o do missionário D. P. Kidder, metodista, que distribuiu exemplares da Palavra de Deus em quase todo o Brasil imperial, a partir de 1837.

Só na eternidade se revelará o benefício que as Sociedades Bíblicas acima mencionadas, coadjuvadas por pioneiros indômitos, como os mencionados, têm trazido ao Brasil no sentido espiritual, social e cultural, mediante a bendita sementeira pioneira do Livro de Deus.

Funciona também no Brasil, com sede em São Paulo, a Sociedade Bíblica Trinitariana, filial da sua sede em Londres, de igual modo empenhada na disseminação da Palavra de Deus entre o nosso povo.

A mais antiga Sociedade Bíblica do mundo é a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) fundada em 1804; a segunda é a Sociedade Bíblica Americana (SBA) fundada em 1816.

Na distribuição de Bíblias em todo o mundo, o Brasil ocupa o segundo lugar.

12. AS MODERNAS VERSÕES E REVISÕES DA BÍBLIA

Sendo este um assunto de grande extensão, teceremos apenas algumas considerações.

Versão é uma tradução da Bíblia feita diretamente das línguas originais.

Versões e revisões da Bíblia decorrem da necessidade de atualização da linguagem em que a Bíblia está traduzida. A língua, sendo um instrumento vivo de comunicação e expressão, evolui e modifica-se à medida que o tempo passa.

No caso da Bíblia, periodicamente é preciso fazer mudanças na linguagem do texto, para que a mensagem não mude. A mensagem da Bíblia é divina, não muda jamais; mas a linguagem é humana e muda com o tempo. Inúmeras palavras e frases, da época em que Almeida fez a sua tradução da Bíblia para o português, caíram em desuso ou alteraram o seu sentido, ao mesmo tempo que novas palavras e frases entraram continuamente para a língua.

Revisão é uma atualização do texto bíblico em vernáculo, para maior clareza do sentido da mensagem bíblica. Repetimos: a mensagem do texto é divina; a linguagem que a conduz é humana. A primeira é imutável; a segunda está sempre mudando. É necessário, pois, que nas novas versões e revisões, quando feitas com todo cuidado, santo temor, idoneidade, e devoção a Deus, a linguagem seja atualizada para que a mensagem divina seja comunicada com toda fidelidade e seriedade, conforme a capacidade de expressão da língua.

III – A BÍBLIA E SUA ESTRUTURA

Quanto à sua estrutura geral, na Bíblia há harmonia e unidade. Falaremos agora sobre sua unidade física. Sua unidade e harmonia doutrinária serão focalizadas no Capítulo IV.

1. A UNIDADE FÍSICA DA BÍBLIA

A unidade e existência física da Bíblia até os nossos dias só podem ser explicadas como um milagre. Há nela 66 livros, escritos por cerca de 40 escritores, cobrindo um período de 16 séculos. Esses homens tinham diferentes atividades e escreveram sob diferentes situações. Na maior parte dos casos não se conheceram. Viveram em lugares distantes, de três continentes, escrevendo em duas línguas principais. Devido a essas circunstâncias, em muitos casos, os autores nada sabiam sobre o que já havia sido escrito. Muitas vezes um escritor iniciava um assunto, e séculos depois um outro o completava. Tudo isto, somado num livro puramente humano, daria uma babel indecifrável! Imaginemos o que seria fisicamente a Bíblia, se não fosse a mão de Deus!

Quanto à unidade física da Bíblia, ninguém sabe ao certo como os 66 livros foram reunidos e agrupados num só volume; isso é obra de Deus. Sabemos que os escritores não escreveram os 66 livros de uma só vez, nem em um só lugar, nem com o objetivo de reuni-los num só volume, mas em intervalos durante 16 séculos, em lugares que vão de Babilônia a Roma.

Se alguma falha for encontrada na Bíblia, será sempre do lado humano, como tradução mal feita, grafia inexata, interpretação forçada, má compreensão de quem estuda, falsa aplicação quanto aos sentidos do texto etc. Portanto, quando encontrarmos na Bíblia um trecho discrepante, não pensemos logo que é um erro! Saibamos refletir como Agostinho, que disse: "*Num caso desse, deve haver erro do copista, tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo entender*".

1.1 A Estrutura da Bíblia

Estudaremos neste ponto um resumo da estrutura da Bíblia quanto à sua composição em partes principais, livros, classificação dos livros por assuntos, divisão dos livros em capítulos e versículos, e certas particularidades indispensáveis.

a) Divisão em partes principais. São duas: Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento é três vezes mais volumoso que o Novo Testamento.

b) Composição quanto a livros. São 66, sendo 39 no Antigo e 27 no Novo Testamento. O maior livro é o dos Salmos, o menor é III João.

c) Divisão em capítulos. São 1.189, sendo 929 no Antigo e 260 no Novo Testamento. O maior capítulo é o Salmo 119 e o menor é o Salmo 117. A Bíblia foi dividida em capítulos em 1250 d. C. por Hugo de Saint Cher, abade dominicano, estudioso das Escrituras.

d) Divisão em versículos. São 31.173, sendo 23.214 no AT e 7.959 no NT. O maior versículo está em Ester 8.9, e o menor em Êxodo 20.13 (em Lc. 20.30 na TR BR; em Jó 3.2 na

ARA). Como se vê, depende da versão. Noutras línguas isso varia também. Isso não tem muita importância. Foi dividida em versículos em duas etapas: o Antigo Testamento em 1445 pelo Rabi Nathan; o Novo Testamento em 1551 por Robert Stevens, um impressor de Paris. Stevens publicou a primeira Bíblia dividida em capítulos e versículos em 1555, sendo esta a Vulgata Latina. Em inúmeros casos são divisões inexatas, bipartindo o texto e alterando a linha do pensamento. São utilíssimas na localização rápida de qualquer fração do texto bíblico.

e) Classificação dos livros. Os 66 livros estão classificados ou agrupados por assuntos, sem ordem cronológica. É bom ter isso em mente ao estudar a Bíblia, pois evitará muito mal entendido, especialmente na esfera da história, da profecia bíblica e do desenvolvimento da doutrina.

A classificação dos livros do Antigo Testamento, por assuntos, vem da Versão Septuaginta através da Vulgata, e não leva em conta a ordem cronológica dos mesmos, o que para o leitor menos avisado dá lugar a não poucas confusões, quando o mesmo procura considerar os assuntos cronologicamente.

e.1) O Antigo Testamento

Seus 39 livros estão divididos em 4 classes: lei, história, poesia e profecia. Os livros de cada classe são os seguintes:

LEI: 5 livros - de Gênesis a Deuteronômio. Esses 5 livros são chamados o Pentateuco. Tratam da Criação e da Lei.

HISTÓRIA: 12 livros - de Josué a Ester. Contêm a história do povo escolhido: Israel.

POESIA: 5 livros - de Jó a Cantares. São chamados poéticos devido ao gênero do seu conteúdo e não por outra razão.

PROFECIA: 17 livros - de Isaías a Malaquias. Esses 17 livros estão subdivididos em dois grupos:

- Profetas Maiores: 5 livros, de Isaías a Daniel.
- Profetas Menores: 12 livros, de Oséias a Malaquias.

Os nomes "maiores" e "menores" referem-se ao tamanho dos livros e a extensão do ministério profético. Na Bíblia Hebraica (o nosso Antigo Testamento), a divisão dos livros é bem diferente, como já falamos.

e.2) O Novo Testamento

Seus 27 livros também estão divididos em quatro classes: biografia, história, doutrina, profecia. Os livros de cada classe são os seguintes:

BIOGRAFIA: São os quatro Evangelhos. Descrevem a vida terrena do Senhor Jesus e o seu glorioso ministério entre os homens. Os três primeiros são chamados Sinóticos devido ao paralelismo que apresentam. O número quatro nos Evangelhos fala também de sua universalidade, por serem quatro os pontos cardeais.

HISTÓRIA: É o livro de Atos dos Apóstolos. Registra a história da igreja primitiva, seu viver e agir. O livro mostra que o segredo do progresso da Igreja é a plenitude do Espírito Santo na vida dos crentes.

DOCTRINA: São 21 livros chamados epístolas ou cartas, de Romanos a Judas. Umas são dirigidas a igrejas, outras a indivíduos. As 7 que vão de Tiago a Judas, são chama-se universais ou gerais.

PROFECIA: É o livro de Apocalipse. Esta palavra significa revelação. Trata da volta pessoal do Senhor Jesus à terra, isto é, sua manifestação visível. O Apocalipse é o inverso do livro de Gênesis. Lá, narra como tudo começou; aqui, como tudo findará.

f) A disposição dos 66 livros. Os que organizaram a presente disposição dos livros foram, sem dúvida, guiados por Deus, porque nota-se uma gradativa correlação doutrinária entre os mesmos.

Exemplo disso no Antigo Testamento: há uma linda relação entre o livro dos Salmos e o de Provérbios. Nunca poderiam vir separados. Os Salmos tratam do nosso andar com Deus, Provérbios do nosso andar com os homens. Esses livros não podiam estar distantes.

Exemplo no Novo Testamento. Vejamos as Epístolas.

- Romanos fala da salvação.
- I e II Coríntios falam da vida cristã disciplinada.
- Efésios, Filipenses e Colossenses falam da vida consagrada.
- I e II Tessalonicenses falam da vinda de Jesus.
- I e II Timóteo e Tito falam de obreiros e ministério.
- I e II Pedro falam de provas e tribulações.

2. O TEMA CENTRAL DE TODOS OS LIVROS DA BÍBLIA

O Senhor Jesus Cristo é o tema central de todos os livros da Bíblia. Ele mesmo assim declara em Lc. 24.27,44 e João 5.39. Considerando Cristo como tema central da Bíblia, os 66 livros podem ser resumidos em 5 palavras, todas referentes a Cristo:

PREPARAÇÃO: Todo o Antigo Testamento trata da preparação do mundo para o advento de Cristo.

MANIFESTAÇÃO: Os evangelhos tratam da manifestação de Cristo ao mundo como Redentor.

PROPAGAÇÃO: Os Atos dos Apóstolos tratam da propagação de Cristo por meio da Igreja.

EXPLANAÇÃO: As cartas tratam da explanação de Cristo. São os detalhes da doutrina cristã.

CONSUMAÇÃO: O Apocalipse trata de Cristo consumando todas as coisas

Tendo Cristo como o tema central da Bíblia, podemos resumir todo o Antigo Testamento numa frase JESUS VIRÁ e o Novo Testamento noutra frase JESUS JÁ VEIO (como Redentor). Assim sendo, as Escrituras sem a pessoa de Jesus seriam como a Física sem a matéria ou a Matemática sem os números.

3. FATOS E PARTICULARIDADES DA BÍBLIA

Os livros de Ester e Cantares não falam em Deus, porém sua presença é inegável nos mesmos, especialmente nos episódios milagrosos de Ester. Há na Bíblia 8.000 menções de Deus entre seus vários nomes, e 177 menções do diabo sob seus vários nomes.

A vinda do Senhor é referida 1.845 vezes, sendo 1.527 no AT e 318 no NT.

O Salmo 119 tem em hebraico 22 seções de 8 versículos. O número 22 corresponde ao de letras do alfabeto hebraico. Cada uma das 22 seções inicia com uma letra do referido alfabeto, e em cada seção todos os versículos começam com a letra da respectiva seção. Caso semelhante há no livro de Lamentações de Jeremias. Ali, em hebraico, os capítulos 1, 2 e 4 têm 22 versículos cada, correspondendo às 22 letras do alfabeto de *àlefe* a *tau*. Porém, o capítulo 3 tem 66 versículos, levando cada três deles a mesma letra do alfabeto. Há outros casos assim na estrutura da Bíblia. Isso jamais poderia ser obra do acaso. Por exemplo: O Salmo 22 é alfabético – um versículo para cada letra hebraica.

O livro de Isaías é uma miniatura da Bíblia. Tem 66 capítulos correspondendo aos 66 livros da Bíblia. a primeira seção tem 39 capítulos correspondendo à mensagem do Antigo Testamento. A segunda seção tem 27 capítulos, tratando de conforto, promessa e salvação, correspondendo à mensagem do Testamento. O Novo Testamento termina mencionando o novo céu e a nova terra. O mesmo ocorre no término de Isaías (66.22). O próprio nome Isaías tem semelhança com o de Jesus no significado. Isaías quer dizer *Salvação de Jeová* e Jesus *Jeová é Salvação*.

A frase "não temas" ocorre 365 vezes em toda a Bíblia, o dá uma para cada dia do ano! O capítulo 19 de IIReis é idêntico ao 37 de Isaías. O Antigo Testamento encerra citando a palavra "maldição", o Novo Testamento encerra citando "a graça de nosso Senhor Jesus Cristo".

A Bíblia foi o primeiro livro impresso no mundo após a invenção da imprensa. Isso se deu em 1452 em Mogúncia, Alemanha.

Os números 3 e 7 predominam admiravelmente em toda a Bíblia.

O nome de Jesus consta do primeiro e último versículos do Novo Testamento.

A Bíblia completa pode ser lida em 70 horas e 40 minutos, na cadência de leitura de púlpito. O Antigo Testamento leva 52 horas e 20 minutos. O Novo Testamento, 18 horas e 20 minutos.

IV – A BÍBLIA E SUA MENSAGEM

Os principais títulos da Bíblia como mensagem de Deus, ou revelação divina, são:

1. Sagradas Escrituras (Rm. 1.2; IITm. 3.15) ou apenas Escrituras (Lc. 24.27,45). Ou ainda Escritura (Jo. 10.35; IITm. 3.16).
2. A Palavra de Deus (Mc. 7.13; Rm. 10.17; Hb. 4.12).
3. A Palavra da Verdade (IITm 2.15).
4. A Escritura da Verdade (Dn. 10.21).
5. O Livro do Senhor (Is. 34.16).

Como repositório de melhores, preciosas e grandes promessas (Hb. 8.6; II Pe. 1.4) seu título é Testamento (II Co. 3.6,14).

Como livro seu título é Bíblia (Jo. 21.25; II Tm. 4.13; Ap. 20.12).

A Bíblia — A Palavra Escrita de Deus — é um livro divino, porém nos foi dado por homens iguais a nós, tornando-se assim divino-humano. Assim como Cristo — A Palavra Viva, é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem (Mt. 1.23; Jo. 1.1; Ap. 19.13).

Pela Bíblia, Deus fala em linguagem humana para que o homem possa entendê-lo. Por essa razão a Bíblia faz referência a tudo o que é humano e terreno.

A obra de Deus é também divina-humana. Ele pergunta: "*Quem há de ir por nós?*" (Is. 6.8). Deus é um ser de natureza espiritual. Alguém precisa ir em seu lugar levar sua mensagem aos homens.

1. A ORIGEM DIVINA DA BÍBLIA

Que as Escrituras são de origem divina é assunto resolvido. Deus na sua Palavra é a testemunha em relação a si mesmo. Quem tem o Espírito de Deus deposita toda confiança nela como a Palavra de Deus, sem exigir provas nem argumentar. Aquilo que o crente não entende, aceita por fé. Portanto, sob o ponto de vista legal, a Bíblia não pode estar sujeita a provas e argumentos. Apresentamos algumas provas da Bíblia como a Palavra de Deus, não *para* cremos que ela é divina, mas *porque* cremos que ela é divina. É uma satisfação nós, crentes na Bíblia, poder apresentar evidências daquilo que cremos no coração. Não precisamos provar que ela é a Palavra de Deus, já cremos nisso, os inimigos é que devem provar que ela não é a Palavra de Deus.

Algumas evidências da origem divina da Bíblia:

a) A evidência da inspiração divina (II Tm. 3.16; II Pe. 1.21). Por isso ela é chamada a "Palavra de Deus". Essa inspiração da Bíblia é plena e inclui as próprias palavras no original. Deus inspirou não só as ideias na mente do escritor, mas também as palavras, uma vez que a "palavra é a expressão do pensamento". Confronte os termos "falar" e "palavra", referentes à mensagem divina em I Co. 2.13; Hb. 1.1; II Pe. 1.21; Ap. 22.6. Assim, a inspiração divina na Bíblia não foi só pensada, mas também falada.

b) A evidência da perfeita unidade e harmonia da Bíblia, apesar de sua diversidade. Há unidade e harmonia doutrinária na Bíblia. Uma tríplice diversidade, ligada aos escritores, ressalta ainda mais a unidade e harmonia da mensagem bíblica, mostrando que uma mente única e infinita — a de Deus, controlava toda a operação de composição. "*Sendo humana, ela é sujeita às leis da língua e literatura; sendo divina, pode ser compreendida somente por homens espirituais. Os autores humanos fornecem uma variedade de estilo. O autor divino garante a unidade da revelação e do ensino. Os autores humanos se referem à Bíblia em parte; o divino refere-se à Bíblia como um só*" — John Mein. Vejamos essa dita diversidade:

b.1) A diversidade de atividade dos escritores. Entre os escritores houve príncipes, legisladores, generais, reis, poetas, estadistas, sacerdotes, profetas, pescadores, teólogos, boiadeiros e funcionários públicos, essa é a diversidade. Entretanto os escritos desses homens completam-se, apresentando uma só mensagem poderosa e coerente!

b.2) A diversidade das condições ambientais. Os escritores escreveram na cidade, no campo, num palácio, numa ilha, na prisão, no deserto, no exílio. Apesar disso, a mensagem da Bíblia é uniforme.

b.3) A diversidade de circunstâncias. As circunstâncias foram as mais descontraídas. Davi escreveu muitas vezes sob o calor das batalhas; já Salomão, fê-lo na calma da paz... Profetas houve que escreveram repassados de tristezas, enquanto Josué escreveu sob a alegria da vitória. Mesmo assim, a mensagem da Bíblia é uma só, bem como é um só o meio de salvação.

Apesar de toda essa diversidade, o pensamento de Deus flui uniforme e progressivo através da Bíblia. É como um rio, que brotando de sua nascente vai engrossando e aumentando até tornar-se caudaloso!

A mensagem da Bíblia não apresenta apenas harmonia, mas também uma continuidade maravilhosa. Ela é de fato a revelação progressiva da verdade. Uma coisa maravilhosa é que esta unidade não jaz apenas na superfície: quanto mais profundo for o estudo, mais ela aparecerá.

Deus é o único que pode ter sido o autor da Bíblia, porque:

- Homens ímpios jamais iriam produzir um livro que sempre os condena e trata de fatos anteriores à existência do homem.
- Homens justos e piedosos jamais cometeriam o crime de escreverem um livro e fazerem o mundo crer que o mesmo é uma obra de Deus.
- Os judeus — guardiões da Bíblia — jamais poderiam ser os seus autores, pois ela sempre condena suas transgressões, pondo seus delitos a descoberto. Por outro lado, se eles tivessem podido mexer nela, teriam apagado os erros, a idolatria e as rebeliões contra Deus registrados em seu texto.

c) A evidência da aprovação da Bíblia por Jesus:

- Ele a leu e tomou como base de sua pregação e ensino: pregação, em Lc. 4.16-21; ensino, em Lc. 24.27.
- Ele fez uso dela contra o Diabo (Mt. 4.3-11).
- Ele a chamou de "Palavra de Deus" (Mc. 7.13; Jo. 17.17).
- Ele a observou e cumpriu em toda sua vida (Mt. 3.15 e 5.17; Lc. 18.31 e 24.44).

d) A evidência do testemunho do Espírito Santo no interior do crente. Quem aceita Jesus como Salvador, automaticamente aceita também a Bíblia como a Palavra de Deus. Por que? Porque o mesmo Espírito de Deus que convence o pecador (Jo. 16.8) e testifica no crente que ele agora é filho de Deus (Rm. 8.16), testifica também no mesmo crente que a Bíblia é a Palavra de Deus para ele (Jo. 7.7).

e) A evidência do cumprimento das profecias da Bíblia. A Bíblia é um livro de profecias de dois tipos: tipológicas e literais. As primeiras, expressas através de tipos; as segundas, expressas em linguagem literal, direta. Inúmeras profecias bíblicas estão se cumprindo, outras aguardam cumprimento. Exemplo de profecias da Bíblia cumpridas com exatidão:

- O primeiro advento do Messias (Gn. 3.15 e 49.10; Sl. 22; Is. 7.14 e 53; Dn. 9.24-26; Mq. 5.2; Zc. 9.9). O Evangelho Segundo Mateus é rico em citações de cumprimento das profecias do primeiro advento de Cristo.

- O restabelecimento e esplendor de Israel (Is. 60.9 e 61.6; Jr. 23.3; 30.3 e 31.36; Ez. 11.17; 36 e 37; Am. 9.14-15).

- O rei Ciro foi chamado pelo nome 150 anos antes de nascer (Is. 44.28).

- O rei Josias foi chamado pelo nome, 300 anos antes de nascer (compare IRs. 13.2 com IIRs. 23.15-18).

f) A evidência do efeito e influência da Bíblia em indivíduos e nações. A Bíblia é conhecida por seus benditos frutos nas vidas dos que a abraçam. A poderosa influência da Bíblia tem transformado multidões de pessoas em todos os tempos e em todas as partes do mundo, dantes incrédulas, descrentes em todos e em tudo, sem alegria interior, indiferentes, materialistas, decaídas, escravas do pecado, do vício, da idolatria, medo, superstições, feitiçarias, mas depois que abraçaram este livro, sendo por ele influenciadas são transformadas em criaturas salvas, alegres, libertas, felizes, santificadas.

Nenhum outro livro tem tal poder para transformar pessoas e influenciar as nações para o bem. Até os inimigos da Bíblia reconhecem que nenhum outro livro, em toda história da humanidade, teve tamanha influência para o bem.

A Bíblia modela o caráter. Seus ensinamentos simples, e ao mesmo tempo profundos, são o verdadeiro guia de qualquer pessoa para uma vida bem sucedida e feliz.

Considerando tudo o que acabamos de dizer, e quão poderosa é a influência da Bíblia e seu poder transformador, perguntamos, de onde vem tal livro senão de Deus?

2. REQUISITOS PARA O PROGRESSO NO CONHECIMENTO DA PALAVRA

O plano de Deus é que todos que receberam a verdade salvadora prossigam para o seu pleno conhecimento (Pv. 9.9; ITm. 2.4 — ARA):

- Pela livre operação do Espírito Santo no crente (Lc. 24.25; Jo. 14.26 e 16.13; ICo. 2.10,13);

- A espiritualidade do crente (Sl. 25.14; Mt. 22.29; Mc. 4.33; Jo. 16.13; Hb. 5.13-14). Essa espiritualidade fundamenta-se num profundo amor à Palavra (Dt. 6.6).

- A oração é um poderoso aliado (Sl. 119; Pv. 2.3-5; Tg. 1.5).

- O ministério de ensino dos mestres bíblicos (ICo. 12.28; Ef. 4.11-12; IITm 2.2).

- Boas fontes de consulta e referência (Dn. 9.2; Mt. 24.15; Lc. 1.3; ITs. 5.21; IITm 4.13).

- Bons conhecimentos da língua portuguesa, para compreender o que lê e saber expressar-se corretamente (Jz. 12.6; Mc. 15.34-35; At. 8.30; ICo. 14.9).

- Conhecimentos de Hermenêutica e Exegese (Ne. 8.8; At. 8.31 e 18.26).

É preciso considerar a soma de experiência cristã que cada pessoa possui, bem como a soberania de Deus para revelar Suas coisas no Seu tempo.

3. A APLICAÇÃO DA MENSAGEM DA BÍBLIA (PV. 25.11)

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (II Tm. 2.15).

A expressão "que maneja bem a Palavra da Verdade" tem a ver com a correta interpretação e aplicação da Palavra como a mensagem de Deus.

A Aplicação do Texto Bíblico

A aplicação do texto pode ser quanto ao povo, tempo, lugar, sentido, natureza e procedência da mensagem. Isto está relacionado com a Hermenêutica.

a) A aplicação do texto quanto ao POVO. Diante de Deus só há três classes de povos (I Co. 10.32): Judeus, Gentios, Igreja. Cada povo desses tem suas peculiaridades.

b) A aplicação do texto quanto ao TEMPO. O tempo na história humana pode ser: Passado, Presente, Futuro. É preciso ver quando o texto se aplica a um ou mais desses tempos. A cronologia bíblica situa o texto bíblico no tempo.

c) A aplicação do texto quanto a LUGAR: Céu, Terra, Espaço. Há textos que se aplicam a um ou mais desse lugares. A aplicação errônea do texto gerará confusão.

d) A aplicação do texto quanto ao SENTIDO. A mensagem da Bíblia encerra dois grandes sentidos:

Literal: É o sentido natural das palavras, como em Atos cap. 27 e 28, que narra a acidentada viagem de Paulo a Roma.

Figurado: A Bíblia é rica em linguagem figurada. O sentido figurado é expresso através de várias categorias de figuras de linguagem. As principais são os tipos, os símbolos, as metáforas e as parábolas.

e) A aplicação do texto quanto à sua MENSAGEM. Isto é, sua natureza e procedência. A mensagem da passagem que estamos estudando pode ser:

Histórica: Nesse campo a Bíblia é muito rica.

Profética: Há inúmeras profecias para serem estudadas.

Doutrinária: Na Bíblia há doutrina suficiente para todas as necessidades da alma humana.

f) A aplicação do texto bíblico quanto à FONTE ou PROCEDÊNCIA da mensagem. No estudo da Bíblia é preciso observar quem está falando através do registro sagrado.

Deus fala continuamente em sua Palavra, diretamente ou por meio de seus servos.

O Homem também fala. Por exemplo: há um capítulo todo escrito por um ímpio (Dn. cap. 4). O livro de Eclesiastes é o registro do raciocínio do homem natural, insatisfeito como sempre.

O Diabo. A Bíblia registra palavras e mensagens dele.

Nos casos do homem e do Diabo, a inspiração divina está no relato da mensagem e não na mensagem em si. Durante o estudo da Bíblia, precisamos identificar quem está falando, para evitar aplicação errônea. É preciso sabedoria e prudência na aplicação das mensagens da Bíblia (Pv. 25.11).

VI – A BÍBLIA EM PORTUGUÊS

1 – O PERÍODO DAS TRADUÇÕES PARCIAIS

a) D. Diniz. “Venturoso” ou “bem-aventurado”. Apesar deste título ter sido atribuído a D. Manuel, rei de Portugal, como o principal incentivador das grandes navegações, mais bem-aventurado foi um de seus antecessores, D. Diniz (1279-1325), por ter sido a primeira pessoa a traduzir para a língua portuguesa o texto bíblico, tornando possível a futura grande navegação dos leitores de língua portuguesa pelo imenso mar da Palavra de Deus.

Grande conhecedor do latim clássico, e leitor da Vulgata, D. Diniz resolveu enriquecer o português traduzindo as Sagradas Escrituras para o nosso idioma, tomando como base a Vulgata Latina. Embora lhe faltasse perseverança, pois só conseguiu traduzir os vinte primeiros capítulos do livro de Gênesis, seu esforço o colocou numa posição historicamente anterior a alguns dos primeiros tradutores da Bíblia para outros idiomas, como João Wycliff, por exemplo, que só em 1380 traduziu as Escrituras para o inglês.

b) D. João I. Fernão Lopes disse, em seu curioso estilo de cronista do século XV, que D. João I (1385-1433), um dos sucessores de D. Diniz no trono português “*fez grandes letrados tirar em linguagem os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as epístolas de São Paulo, para que aqueles que os ouvissem fossem mais devotos acerca da lei de Deus*” (Crônica de D. João I, 2ª Parte). Esses “grandes letrados” eram vários padres que utilizaram a Vulgata Latina em seu trabalho de tradução.

Enquanto esses padres trabalhavam, D. João I, também conhecedor do latim, traduziu o livro de Salmos, que foi reunido aos livros do Novo Testamento traduzidos pelos padres. Seu sucessor, D. João II, outro grande apoiador das traduções do texto bíblico, mandou gravar no seu cetro a parte final do versículo 31 de Romanos 8: “*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*”, atestando quanto os soberanos portugueses reverenciavam a Bíblia.

Como nessa época a imprensa ainda não havia sido inventada, os livros eram produzidos em forma manuscrita, fazendo-se uso de folhas de pergaminho. Isso tornava sua circulação extremamente reduzida. Por ser um trabalho lento e caro, era necessário que ou a Igreja Romana ou alguém muito rico assumisse os custos do projeto. Ninguém mais indicado para isto do que os nobres e os reis.

c) Outros reis de Portugal também realizaram traduções parciais da Bíblia. A Infanta **D^a. Filipa**, neta do rei D. João I e filha do Infante D. Pedro, traduziu os Evangelhos do francês. No século XV surgiram publicados em Lisboa o Evangelho de Mateus e porções dos demais Evangelhos, um trabalho realizado pelo frei Bernardo de Alcobaça, que pertenceu à grande escola de tradutores portugueses da Real Abadia de Alcobaça. Ele baseou suas traduções na Vulgata Latina.

A primeira harmonia dos Evangelhos em língua portuguesa, preparada em 1495 pelo cronista Valentim Fernandes, intitulada *De Vita Christi*, teve os seus custos de publicação pagos pela rainha **D^a. Leonora**, esposa de D. João II. Cinco anos após o descobrimento do Brasil, **D^a. Lenora** mandou imprimir o livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas universais de Tiago, Pedro, João e Judas, que haviam sido traduzidos do latim vários anos antes por frei Bernardo de Brinaga.

Em 1566 foi publicada em Lisboa uma gramática hebraica para estudantes portugueses. Ela trazia em português, como texto básico, o livro de Obadias.

Outras traduções em língua portuguesa, realizadas em Portugal, são dignas de menção:

- Os quatro Evangelhos, traduzidos em elegante português pelo padre jesuíta Luiz Brandão;

- No início do século XIX, o padre Antônio Ribeiro dos Santos traduziu os Evangelhos de Mateus e Marcos, ainda hoje inéditos.

É fundamental salientar que todas essas obras sofreram, ao longo dos séculos, implacável perseguição da Igreja Católica Romana, e de muitas delas só escaparam um ou dois exemplares, hoje raríssimos. A Igreja Católica Romana também amaldiçoou a todos os que conservassem consigo essas “traduções da Bíblia em idioma vulgar”, conforme as denominavam.

2 – O PERÍODO DAS TRADUÇÕES COMPLETAS

2.1 – A Tradução de Almeida

A língua portuguesa é falada em todos os continentes, fato que revela a importância da Bíblia em português, em todos os sentidos.

Coube a João Ferreira de Almeida a grandiosa tarefa de traduzir, pela primeira vez para o português, o Antigo e o Novo Testamentos. Nascido em 1628 em Torre de Tavares, proximidades de Lisboa, João Ferreira de Almeida era filho de um diplomata, por isso morou em diversos países até atingir a idade adulta. A família mudava para diferentes localidades, conforme seu pai era transferido de embaixada. Aos 12 anos de idade foram para o sudeste da Ásia. Após viver 2 anos na Batávia (atual Jacarta, capital da Indonésia), Almeida partiu para Málaca, na Malásia. Nessa cidade, através da leitura de um folheto em espanhol sobre as diferenças da cristandade, ou seja, quando leu um folheto evangelístico apologético, converteu-se do catolicismo para a fé evangélica. No ano seguinte começou a pregar o evangelho no Ceilão e em muitos outros pontos da costa de Malabar.

Ainda não tinha completado 17 anos de idade quando iniciou o trabalho de tradução da Bíblia para o Português. Lamentavelmente, ele perdeu todos os primeiros manuscritos e teve que reiniciar a tradução em 1648.

Conhecedor do hebraico e do grego, Almeida pode utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calcando sua tradução no chamado *Textus Receptus* do grupo bizantino. Durante esse exaustivo e criterioso trabalho, ele se serviu de traduções holandesa, francesa (tradução de Beza), italiana, espanhola e latina (Vulgata).

Em 1676, João Ferreira de Almeida concluiu a tradução Novo Testamento, e naquele mesmo ano remeteu o manuscrito para ser impresso na Batávia; todavia, o lento trabalho de revisão o levou a retomá-la e enviá-la para ser impressa em Amsterdã (Holanda). Finalmente, em 1681 surgiu o primeiro Novo Testamento em português, trazendo na sua abertura o texto que transcrevemos exatamente como consta do original: *“O Novo Testamento, isto eh, Todos os Sacro Sanctos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto de Nosso Fiel Salvador e Redentor Jesus Cristo, agora traduzido em português por João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Sancto Evangelho, Com todas as licenças necessárias. Em Amsterdam, Viuva de J. V. Someren. Anno 1681”*.

Milhares de erros foram detectados nesse Novo Testamento de Almeida, muitos deles produzidos pela comissão de eruditos que tentou harmonizar o texto em português com a tradução holandesa de 1637. O próprio Almeida identificou mais de dois mil erros nessa tradução, e outro revisor, Ribeiro dos Santos, afirmou ter encontrado um número bem maior.

Logo após a publicação do Novo Testamento, Almeida iniciou a tradução do Antigo, e ao falecer, em 06/08/1691, ele havia traduzido até Ezequiel 41.21. Apesar dos erros iniciais, ao longo dos anos eruditos evangélicos têm depurado a obra de Almeida, tornando-a a preferida dos leitores de fala portuguesa.

O Novo Testamento. Almeida traduziu primeiro o Novo Testamento, o qual foi publicado em 1681 em Amsterdã, Holanda. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro há um exemplar da 3ª edição do Novo Testamento de Almeida, feita em 1712.

O Antigo Testamento. Deus chamou Almeida para o lar celestial em 1691. Seus amigos, ministros do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa, liderados pelo pastor Jacobus op den Akker, de Batávia, reiniciaram o trabalho interrompido por Almeida, e 5 anos depois, em 1753, foi impressa a primeira Bíblia em português, em dois volumes.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, começou a publicar apenas o Novo Testamento da tradução de Almeida em 1809. A Bíblia completa, num só volume, a partir 1819. O texto foi revisado em 1894 e 1925. A versão de Almeida foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1944 pela Imprensa Bíblica Brasileira, uma organização batista. Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, e também a Sociedade Bíblica Americana foram maravilhosamente usadas por Deus na disseminação da Bíblia em Português, num trabalho pioneiro e contínuo.

2.2 – A Bíblia de Rahmeyer

É uma tradução completa da Bíblia, ainda hoje inédita, feita em meados do século XVIII pelo comerciante hamburguês Pedro Rahmeyer, que residiu em Lisboa durante 30 anos. O manuscrito dessa Bíblia se encontra na Biblioteca do Senado de Hamburgo, Alemanha.

2.3 – A Tradução de Figueiredo

O padre católico romano Antonio Pereira de Figueiredo, grande latinista, nascido em 1725, em Tomar, nas proximidades de Lisboa, traduziu o Novo Testamento e o Antigo Testamento utilizando a Vulgata Latina.

A tradução integral da Bíblia demorou 18 anos de laboriosa tarefa. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 6 volumes, em 1778. Quanto ao AT, os 17 volumes da sua primeira edição foram publicados no período de 1783 a 1790. Em 1819 saiu a Bíblia completa de Figueiredo, em 7 volumes, e em 1821 ela foi publicada pela primeira vez em volume único.

Figueiredo incluiu em sua tradução os chamados livros apócrifos, que o Concílio de Trento acrescentou aos canônicos em 08/04/1546. Esse fato tem contribuído para que sua Bíblia seja ainda hoje apreciada pelos católicos romanos nos países de fala portuguesa. Na condição de exímio filólogo e latinista, Figueiredo utilizou um estilo sublime e grandiloquente que resultou em um verdadeiro monumento da prosa portuguesa. Porém, por não conhecer as línguas originais, e ter-se baseado tão somente na Vulgata, sua tradução não suplantou a de Almeida na preferência popular.

3 – A BÍBLIA NO BRASIL

3.1 – Traduções Parciais

a) Nazaré. Em 1847 publicou-se, em São Luís/MA o Novo Testamento traduzido por frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, que se baseou na Vulgata. Este foi o primeiro texto bíblico traduzido, e tornou-se famoso por trazer em seu prefácio acusações contra as “Bíblias Protestantes”, que segundo os acusadores seriam "falsificadas" e falavam “contra Jesus Cristo e contra tudo quanto há de bom”.

b) Em 1879, a Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro publicou uma edição que ficou conhecida como “A **Primeira Edição Brasileira** do Novo Testamento de Almeida” Essa edição foi revista por José Manoel Garcia, professor do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro; pelo pastor M. P. B. de Carvalhosa, de Campos/RJ, e pelo primeiro agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, pastor Alexandre Blackford, ministro do evangelho no Rio de Janeiro.

c) Harpa de Israel, foi o título que o notável hebraísta F. R. dos Santos Saraiva deu à sua tradução do Livro dos Salmos, lançada em 1898.

d) Em 1909, o padre Santana publicou sua tradução do Evangelho de Mateus, vertida diretamente do grego. Três anos depois, Basílio Teles publicou a tradução do Livro de Jó com sangrias poéticas. Em 1917 foi a vez de J. L. Assunção publicar O Novo Testamento, tradução baseada na Vulgata.

e) Traduzido do velho idioma etíope por Esteves Pereira, *O Livro de Amós* surgiu isoladamente no Brasil em 1917. Seis anos depois, J. Basílio Pereira publicou a tradução do Novo Testamento e do Livro dos Salmos, ambos baseados na Vulgata. Na mesma época surgiu no Brasil (infelizmente sem indicação de data), a Lei de Moisés (O Pentateuco), edição bilíngue hebraico-português, preparada pelo rabino Meir Masiah Melamed.

f) O padre Huberto Rohden foi o primeiro católico a traduzir no Brasil o Novo Testamento diretamente do grego. Publicada pela instituição católico-romana Cruzada Boa Esperança, em 1930, essa tradução, por estar baseada em textos considerados inferiores, sofreu severas críticas.

3.2 – Traduções Completas

a) Em 1902, as sociedades bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil patrocinaram uma nova tradução da Bíblia para o português, baseada em manuscritos melhores que os utilizados por Almeida. A comissão constituída para tal fim, composta de eruditos nas línguas originais e no vernáculo, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira, fez uso de ortografia correta e vocabulário erudito. Publicado em 1917, esse trabalho ficou conhecido como **Tradução Brasileira**. Apesar de ainda hoje apreciadíssima por grande número de leitores, essa Bíblia não conseguiu se firmar no gosto do grande público.

b) Coube ao padre **Matos Soares** realizar a tradução mais popular da Bíblia entre os católicos na atualidade. Publicada em 1930 e baseada na Vulgata, essa tradução possui notas entre parênteses defendendo os dogmas da Igreja Católica Romana. Por esse motivo recebeu apoio papal em 1932.

c) Em 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas encomendaram a um grupo de hebraístas, helenistas e vernaculistas competentes, uma revisão da tradução de Almeida. A comissão melhorou a linguagem, a grafia de nomes próprios e o estilo da Bíblia de Almeida – a versão ARC, Almeida Revista e Corrigida.

d) Em 1948 organizou-se a Sociedade Bíblica do Brasil. Esta entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofundada, que deu origem à Edição Revista e Atualizada (ARA) no Brasil, e uma menos profunda, que conservou o antigo nome “Corrigida” (ARC).

e) Em 1967, a Imprensa Bíblica Brasileira, criada em 1940, publicou a sua Edição Revisada de Almeida, cotejada com os textos em hebraico e grego. Essa edição foi posteriormente reeditada com ligeiras modificações.

f) Mais recentemente (1988), a Sociedade Bíblica do Brasil traduziu e publicou a Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH). O propósito básico desta tradução tem sido apresentar o texto bíblico numa linguagem comum e corrente.

g) Em 1990, a Editora Vida publicou a sua Edição Contemporânea da Bíblia traduzida por Almeida (ECA). Essa edição eliminou arcaísmos e ambiguidades do texto quase tricentenário de Almeida, e preservou, sempre que possível, as excelências do texto que lhe serviu de base.

h) A Bíblia de Referência Thompson foi preparada, no Brasil, por uma comissão constituída de eruditos em grego, hebraico, aramaico e português, coordenada pelo Rev. Luiz Sayão. Eles trabalharam numa nova tradução das Escrituras para a língua portuguesa, sob o patrocínio da Sociedade Bíblica Internacional, a partir do texto ECA. Essa Bíblia traz os versículos em cadeia temática, diversos estudos, um suplemento arqueológico e a história da Bíblia no mundo e no Brasil. Foi lançada pela Editora Vida em 1992. São também, dignas de referência: A Bíblia traduzida pelos monges de Meredsous (1959); A Bíblia de Jerusalém, traduzida pela Escola Bíblica de Jerusalém (padres dominicanos), editada no Brasil por Edições Paulinas em 1981, com notas, e a Edição Integral da Bíblia, trabalho de diversos tradutores sob a coordenação de Ludovico Garmus, editado pela Editora Vozes e pelo Círculo do Livro, também com notas.

A BÍBLIA E A ARQUEOLOGIA

1. A NATUREZA E O PROPÓSITO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

A palavra Arqueologia vem de duas palavras gregas: *archaios* e *logos*, que significam literalmente "um estudo das coisas antigas". Hoje o termo se aplica ao estudo de materiais escavados pertencentes a eras anteriores. A Arqueologia Bíblica pode ser definida como um exame de artefatos antigos, outrora perdidos e hoje recuperados, relacionados ao estudo das Sagradas Escrituras e à caracterização da vida nos tempos bíblicos.

A Arqueologia é basicamente uma ciência. O conhecimento neste campo se obtém pela observação e estudo sistemáticos. Os fatos descobertos são avaliados e classificados num conjunto organizado de informações. A Arqueologia é também uma ciência composta, pois busca auxílio em muitas outras ciências, tais como a Química, a Antropologia, a Zoologia e a Paleontologia.

2. AS FUNÇÕES DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

A Arqueologia é um auxílio para a compreensão da Bíblia. Ela revela como era a vida nos tempos bíblicos, o que passagens obscuras da Bíblia realmente significam, e como as narrativas históricas e os contextos bíblicos devem ser entendidos. Também ajuda a confirmar a exatidão dos relatos bíblicos e do conteúdo das Escrituras. Ela tem mostrado a falsidade de algumas teorias de interpretação da Bíblia. Também tem auxiliado a estabelecer a exatidão dos originais gregos e hebraicos, e a demonstrar que o texto bíblico foi transmitido com um alto grau de exatidão. Tem confirmado também a exatidão de muitas passagens das Escrituras, como por exemplo informações sobre numerosos reis e toda a narrativa dos patriarcas.

3. A ARQUEOLOGIA E O TEXTO DA BÍBLIA

Quando se pensa em Arqueologia, de modo geral, logo vêm à mente grandes monumentos, peças de museu e grandes feitos de reis e conquistadores antigos. Quando se trata da Arqueologia Bíblica, cresce o conhecimento de que inscrições e manuscritos também têm uma importante contribuição a dar no estudo da Bíblia. Embora no passado a maior parte do trabalho arqueológico estivesse voltada para a história bíblica, hoje ela se volta crescentemente para o texto da Bíblia.

O estudo intensivo de mais de 3.000 manuscritos do Novo Testamento grego, datados do século II em diante, tem demonstrado que o Novo Testamento foi notavelmente bem preservado em sua transmissão do terceiro século até agora. Nem uma doutrina foi pervertida. Westcott e Hort concluíram que apenas uma palavra em cada mil, do Novo Testamento em grego, possui uma dúvida séria quanto à sua genuinidade.

3.1 Papirologia

Uma coisa é provar que o texto do Novo Testamento foi notavelmente preservado a partir do segundo e terceiro séculos; coisa bem diferente é demonstrar que os Evangelhos não evoluíram até sua forma presente ao longo dos primeiros séculos da era cristã, e Cristo não foi gradativamente divinizado pela lenda cristã. Na virada do século XX, uma nova ciência surgiu, e ajudou a provar que nem os Evangelhos nem a visão cristã de Cristo sofreram evoluções até chegarem à sua forma atual. B. P. Grenfell e A. S. Hunt realizaram escavações no distrito de Fayum, no Egito (1896-1906), descobriram grandes quantidades de papiros e deram início à ciência da *Papirologia*. Esses papiros incluíam uma grande variedade de tópicos apresentados em várias línguas. O número de fragmentos de manuscritos que contêm porções do Novo Testamento chega hoje a 77 papiros. Esses fragmentos ajudam a confirmar o texto geral encontrado nos manuscritos maiores, feitos de pergaminho, datados do quarto século em diante, ajudando assim a formar uma ponte mais confiável entre os manuscritos mais recentes e os originais.

O impacto da Papirologia sobre os estudos bíblicos foi fenomenal. Muitos desses papiros datam dos primeiros três séculos da era cristã. Assim, é possível estabelecer o desenvolvimento da gramática nesse período, e, com base no argumento da gramática histórica, datar a composição dos livros do Novo Testamento no primeiro século da era cristã. Na verdade, um fragmento do Evangelho de João encontrado no Egito pode ser paleograficamente datado de

aproximadamente 125 d.C. Descontado um certo tempo para o livro entrar em circulação, deve-se atribuir ao quarto Evangelho uma data próxima do fim do primeiro século — e é exatamente isso que a tradição cristã conservadora tem atribuído a ele. Ninguém duvida que os outros três Evangelhos são um pouco anteriores ao de João. Se os livros do Novo Testamento foram produzidos durante o primeiro século, foram escritos bem próximo dos eventos que registram e não houve tempo de ocorrer qualquer desenvolvimento evolutivo.

Os estudos também demonstraram que o grego do Novo Testamento não era um tipo de linguagem inventado por seus autores. Ao contrário, era a língua do povo dos primeiros séculos da era cristã. Menos de 50 palavras em todo o Novo Testamento foram cunhadas pelos apóstolos. Além disso, os papiros demonstraram que a gramática do Novo Testamento grego era de boa qualidade, se julgada pelos padrões gramaticais do primeiro século, não pelos do período clássico da língua grega. Além do mais, os papiros gregos não-bíblicos ajudaram a esclarecer o significado de palavras bíblicas cuja compreensão ainda era duvidosa, e lançaram nova luz sobre outras que já eram bem entendidas.

3.2 Os Manuscritos do Mar Morto

Em se tratando de manuscritos em rolos, o mais antigo e o mais importante de todos foi encontrado casualmente em 1947 por um beduíno, em Qumran, numa bem dissimulada gruta nas proximidades de Jericó, junto ao Mar Morto, sendo mais velho que o mais antigo manuscrito bíblico até então conhecido! O professor Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém, responsável pelo exame cuidadoso desse material, revelou que ele pertence ao século III a.C. Até recentemente, o manuscrito hebraico de tamanho considerável mais antigo, era datado aproximadamente do ano 900 d.C. (século X da era cristã), e o Antigo Testamento completo era cerca de um século mais recente.

Muitos outros rolos foram também encontrados e centenas de fragmentos de outras obras. O texto desse manuscrito, comparado com o das nossas Bíblias, concorda plenamente. Esta é uma prova singular da autenticidade das Escrituras, ao considerarmos que o citado manuscrito de Isaías tem agora mais de 2.000 anos de existência!

A partir da descoberta inicial, outras 11 cavernas da região foram exploradas. Dezenas de milhares de fragmentos de couro, e alguns de papiro, foram achados. Embora a maior parte do material seja extrabíblico, cerca de cem manuscritos (em sua maioria parciais) contêm porções das Sagradas Escrituras. Todos os livros do Antigo Testamento, exceto Ester, estão representados nas descobertas. Como era de se esperar, fragmentos dos livros mais frequentemente citados no Novo Testamento também foram os mais achados. Esses livros são Deuteronômio, Isaías e Salmos. Os rolos de livros bíblicos que ficaram melhor preservados e têm maior extensão são dois de Isaías, um de Salmos e um de Levítico.

O significado dos Manuscritos do Mar Morto é tremendo: (1) Eles fizeram recuar em mais de mil anos a história do texto do Antigo Testamento; (2) Eles ofereceram abundante material crítico para pesquisa no Antigo Testamento, comparável ao que já dispunham há muito tempo os estudiosos do Novo Testamento; (3) Eles ofereceram um referencial mais adequado para o Novo Testamento, demonstrando, por exemplo, que o Evangelho de João foi escrito dentro de um contexto essencialmente judaico, e não grego, como era frequentemente postulado pelos estudiosos; (4) Eles ajudaram a confirmar a exatidão do texto do Antigo Testamento; (5) Eles

comprovaram que a Septuaginta é bem mais exata do que comumente se pensa; (6) Por fim, eles ofereceram um novo material para auxiliar na determinação do sentido de certas palavras hebraicas.

4. OS MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS

4.1 – A ESCAVAÇÃO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O arqueólogo bíblico pode se dedicar à escavação de um sítio arqueológico por várias razões. Se o talude que ele for estudar reconhecidamente cobrir uma localidade bíblica, ele provavelmente procurará descobrir as camadas de ocupação relevantes à narrativa bíblica. Ele pode estar procurando uma cidade que sabemos que existiu, mas ainda não foi positivamente identificada. Possivelmente estará procurando informações concernentes a personagens ou fatos da história bíblica, que ajudarão a esclarecer uma determinada narrativa.

Uma vez que o escavador tenha escolhido o local de sua busca, e tenha feito os acordos necessários (incluindo permissões governamentais, financiamento, equipamento e pessoal), ele estará pronto para começar a operação. Uma exploração cuidadosa da superfície é normalmente realizada em primeiro lugar, visando saber tudo que for possível, através de pedaços de cerâmica ou outros artefatos nela encontrados; verificar se certa configuração de solo denota a presença dos restos de alguma edificação, ou descobrir algo da história daquele local. Faz-se, em seguida, um mapa do contorno do talude e escolhe-se o setor (ou setores) a ser(em) escavado(s) durante uma sessão de escavações. Esses setores são geralmente divididos em subsetores de um metro quadrado para facilitar a rotulação das descobertas.

4.2 – O SISTEMA DE TRABALHO

Por ser uma ciência, a Arqueologia tem um sistema organizado de trabalho, que consiste dos seguintes passos:

1. *Preliminares.* A localização de locais promissores, com base em estudos históricos e geológicos, com auxílio da pesquisa aérea. Em nossos tempos, até mesmo “poderes psíquicos” têm sido usados, como se dá com Aron Abrahamsen, da Universidade do Arizona, que tem tido grande sucesso.

2. *Organização das Expedições.* Líderes, muitos assessores, uma tripulação de apoio (cozinheiros, faxineiros, motoristas etc.), preparação dos alojamentos, suprimento de água, equipamento fotográfico, abrigos, armazéns, veículos de transporte etc.

3. *Pesquisa.* Delimitação da área a ser examinada, estabelecimento do acampamento, divisão da área a ser explorada, registro dos indícios a serem seguidos nas escavações.

4. *Escavações e Mapeamento.* As escavações começam com picaretas, enxadas, serras, brocas elétricas, material recolhido, classificação e armazenamento dos itens descobertos, seleção do material que deverá ser melhor analisado em laboratório, exames por parte de técnicos de várias especialidades de apoio (químicos, por exemplo). A escavação continua em camadas, que com frequência passam de uma civilização para outra, comprovadas pelos processos de medição de tempo ou pelos tipos de artefatos descobertos. As áreas escavadas são cuidadosamente mapeadas, mostrando as posições de todas as áreas examinadas. No final do projeto, as escavações são enchidas novamente com terra, plantando-se uma vegetação apropriada para o local.

5. *Tratamento Cuidadoso dos Artefatos.* Tudo que for recolhido nas escavações é examinado por todos os métodos possíveis. Os materiais são selecionados e classificados, e tudo é registrado na história da escavação. Visto que os arqueólogos têm de tapar todas as escavações feitas, precisam incluir em seu relatório todos os detalhes, inclusive fotografias.

6. *Trabalho de Laboratório.* Qualquer artefato que exija maior atenção é enviado ao laboratório. São feitas análises químicas ou de outra natureza. Especialistas em outras ciências podem ser convocados, como historiadores, biólogos e antropólogos.

7. *Resultado Apurado.* Finalmente, visando à preservação e o compartilhamento das informações obtidas, são feitos relatórios detalhados, publicados em artigos de revistas especializadas e livros. Esses relatórios incluem todos os detalhes, como fotografias, diagramas e suas respectivas interpretações. Esses relatórios são altamente técnicos e direcionados aos especialistas, mas normalmente um resultado final, de cunho mais popular, costuma ser publicado para dar amplo conhecimento das descobertas para o público em geral.

5. O USO DA ARQUEOLOGIA NA BÍBLIA

5.1 – PARA ILUSTRAR A HISTÓRIA DA BÍBLIA

A Arqueologia provê um testemunho secundário e confirmatório de toda a história da Bíblia, desde os dias mais remotos. Importantes colaborações e fatos adicionais, acerca de cada período bíblico têm sido descobertos, desde o período adâmico, passando pelo período patriarcal, cananeu, monárquico, da dupla monarquia, exílico, pós-exílico, selêucida, helenista e romano. Da era dos patriarcas nos chegam descobertas em Ai, Siquém, Betel, Berseba, Gerar, Dotã e Jerusalém. Desse período nos chegam tabletes de Nuzi e de Mari.

Muitos itens da Bíblia tornam-se mais claros por meio das descobertas arqueológicas: as bênçãos orais eram importantes para Isaque, Jacó e Esaú (Gn. 27.34-41). Os tabletes de Nuzi mostram que naquele tempo as bênçãos orais eram obrigatórias, tanto quanto as decisões de um tribunal. Por que Labão apontou para seus netos e disse: *“as filhas são minhas filhas, os filhos são meus filhos”*? (Gn. 31.43). Esses mesmos tabletes mostram que um avô exercia controle sobre seus netos. O período cananita é bem ilustrado, tendo sido encontradas muitas ruínas de cidades em inúmeras escavações. A partir do período da monarquia, mais de quarenta reis (e as condições de Israel na época deles) têm tido suas histórias iluminadas pelas descobertas arqueológicas.

Embora o Novo Testamento cubra um período histórico muito mais curto, grande tem sido a iluminação sobre as viagens de Paulo, bem como lugares, pessoas e coisas mencionados no livro de Atos.

5.2 – PARA SUBLINHAR A REALIDADE DA INSPIRAÇÃO DIVINA

Talvez os eruditos bíblicos tenham dado por demais atenção a esse aspecto, porquanto uma história digna de confiança pode ser escrita por um historiador respeitável, sem qualquer ajuda divina. Não obstante, a arqueologia provê evidências confirmadoras da exatidão dos relatos bíblicos, e isso favorece – mesmo que não comprove – a inspiração divina. Em contraste, consideremos as narrativas do Livro de Mórmon, que afirma ser a *história* de certas tribos indígenas norte-americanas. Não há qualquer confirmação arqueológica sobre essas alegadas tribos, o que levanta muitas dúvidas sobre a autenticidade desse livro.

5.3 – PARA DESPERTAR INTERESSE PELA BÍBLIA

A simples leitura da Bíblia pode ser vivificada, quando são divulgadas descobertas modernas que ilustram o texto bíblico. Isso faz a Bíblia se tornar um livro muito interessante. Até meados do século XIX, pouco se sabia sobre os tempos do Antigo Testamento, exceto por aquilo que consta no próprio Antigo Testamento. A situação não era tão grave no caso dos tempos neotestamentários, porque houve vários antigos historiadores seculares que comentaram sobre esses tempos, porém informações sobre o Antigo Testamento eram praticamente inexistentes. Então, começando em 1798, foram descobertas ricas antiguidades do Vale do Rio Nilo pela expedição de Napoleão Bonaparte. Foi então que Paul Botta, A.H. Layard, H.C. Rawlinson e outros derramaram muita luz sobre as civilizações da Assíria e da Babilônia por meio da Arqueologia. A descoberta de uma pedra moabita causou sensação entre os eruditos bíblicos, por causa de sua íntima conexão com a história do Antigo Testamento, e houve um entusiasmo generalizado em favor das escavações na Palestina. Em 1901, foi encontrado o Código de Hamurabi; os Papiros de Elefantina foram descobertos em 1903; os monumentos hititas de Bogazkoi foram encontrados em 1906; o túmulo de Tutancamom, em 1922; o sarcófago de Airão de Biblos, em 1923; a literatura épica religiosa de Ras Shamra em 1929-1937; as Cartas de Mari e a Ostraca de Laquis, em 1935-1939 (ostracas são pedaços de cerâmica que contém uma inscrição); e os Manuscritos do Mar Morto, em Khirbet Qumran, em 1947.

5.4 – PARA FORNECER UM ARGUMENTO APOLOGÉTICO

Os eruditos, ao tratarem com documentos inspirados ou não, interessam-se pela exatidão do registro escrito. Querem saber se os povos e as cidades sobre os quais eles falam para seus estudantes, ou sobre os quais escrevem para uma audiência mais seleta, realmente são históricos. A Arqueologia tornou-se um meio de autenticar o que a Bíblia afirma.

5.5 – PARA FORNECER VALOR EXEGÉTICO

Um pregador, ao falar sobre a Bíblia, pode chamar a atenção de seus ouvintes com maior sucesso apresentando informes extrabíblicos, que confirmam o que a Bíblia diz. Muitas questões bíblicas podem ser melhor interpretadas por meio da Arqueologia. Em muitos lugares, a Bíblia permanece misteriosa, não havendo iluminação por parte da arqueologia. Um pequeno exemplo pode ser visto no caso de Moisés, de quem foi dito sobre sua idade avançada: *“não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor”* (Dt. 34.7). A palavra traduzida por “vigor” poderia referir-se aos seus dentes (conforme se vê na Vulgata Latina). Porém, os tabletas de Ras Shamra mostram que o vocábulo em questão tem o sentido de *vigor natural* ou *força*, o que decide a questão da interpretação. Há muitos outros casos similares. A descoberta de material helenista tem ilustrado o vocabulário do Novo Testamento (grego koiné), em contraste com o grego clássico, e isso tem esclarecido muitos casos de interpretação. A descoberta de antigos manuscritos tem possibilitado a compilação de um texto bíblico mais correto do que teria sido possível há cem anos atrás.

6. AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

a) Septuaginta. Como consequência dos setenta anos na Babilônia, e em virtude da forte influência do aramaico, a língua hebraica enfraqueceu-se. Todavia, fieis à tradição de preservar os oráculos em sua própria língua, os judeus não permitiam os livros sagrados fossem vertidos para outro idioma. Alguns séculos mais tarde, essa atitude exclusivista e ortodoxa deu lugar a um senso mais prático e liberal. Com o estabelecimento de Alexandre o Grande, a partir de 331 a.C., a língua grega popularizou-se a ponto de ser imprescindível que houvesse uma tradução das Sagradas Escrituras nesse idioma.

Segundo o escritor Aresteas, a tradução grega foi feita por 72 sábios judeus (daí o seu nome “Septuaginta”), na cidade de Alexandria, a partir de 285 a.C., a pedido de Demétrio Falario, bibliotecário do rei Ptolomeu Filadelfo. Essa versão foi concluída 39 anos mais tarde, e assinalou o começo de uma obra que, além de preparar o mundo para o advento de Cristo, tornaria conhecida por todos os povos a Palavra de Deus. Na igreja primitiva, era essa a versão de todos os crentes.

b) Hexapla. Infelizmente, nem todos os livros do Antigo Testamento foram bem traduzidos na Septuaginta, razão pela qual Orígenes, por volta de 228 d.C., compôs a Hexapla, ou versão de seis colunas, contendo a Septuaginta e as três traduções gregas do Antigo Testamento efetuadas por Áquila do Ponto (130 d.C.), Teodoro de Éfeso (160 d.C.) e Símaco de Samaria (218 d.C.). Além destas, constavam nas duas últimas colunas o texto hebraico e o mesmo texto em grego. Esta grandiosa obra, constituída de 50 volumes, perdeu-se provavelmente quando os sarracenos saquearam Cesareia em 653 d.C.

c) Vulgata. Em 382 d.C., o bispo Dâmaso encarregou Jerônimo de traduzir da Septuaginta para o latim o livro dos Salmos e o Novo Testamento, o que ele fez em três anos e meio. Mais tarde, um novo bispo assumiu a direção da Igreja de Roma e percebeu, com inveja, a grande cultura e a influência de Jerônimo, que passou a ser perseguido e humilhado, então foi morar num mosteiro em Belém. Lá estudou e trabalhou durante 34 anos na tradução de toda a Bíblia para a língua latina. Jerônimo escreveu ainda 24 livros de comentários bíblicos, um conjunto de biografias de eremitas, duas histórias da igreja e diversos tratados. Mais tarde, a Bíblia de Jerônimo ficou conhecida por “Vulgata” (vulgar), sendo hoje usada pela Igreja Católica Romana como a autêntica versão das Escrituras. Alguns eruditos a consideram pobre e dizem que contém falhas graves.

7. CÓDICES E MANUSCRITOS BÍBLICOS

A partir do século IV, os livros passaram a ser escritos em codex, palavra derivada *caudex*, que era uma tabuinha coberta de cera na qual se escrevia com um estilete metálico (*stylus*). Reunidos por um cordão que passava por orifícios feitos no alto dos exemplares, à esquerda, os códices ficavam em forma de livro, bem mais práticos de serem manuseados que os rolos. Os mais importantes códices bíblicos são:

a) Sináítico. Produzido em cerca de 325 d.C., contém todo o Antigo Testamento grego, além das epístolas de Barnabé e parte do Pastor de Hermas. Foi encontrado pelo sábio alemão Constantino Tischendorf, em 1844, no Mosteiro de Santa Catarina, situado na encosta do Sinai. Tischendorf viu 129 páginas do manuscrito numa cesta de papel, para serem lançadas ao fogo.

Percebendo seu enorme valor, levou-as para a Europa. Em 1859 voltou ao mosteiro e encontrou as páginas restantes. Doadas por seu descobridor a Alexandre II, da Rússia, essa preciosidade foi posteriormente comprada pela Inglaterra pela vultosa quantia de cem mil libras esterlinas e está no Museu Britânico desde 1933.

b) Alexandrino. De meados do século IV, contém o Antigo Testamento grego e quase todo o Novo, com omissões de 24 capítulos de Mateus, cerca de 4 de João e 8 de II Coríntios. Contém ainda a Primeira Epístola de Clemente de Roma e parte da Segunda. Está no Museu Britânico.

Outros famosos códices bíblicos são: o **Códice Vaticano**, do século IV, que contém o Antigo e o Novo Testamento com algumas omissões. Está na Biblioteca do Vaticano. O **Códice Efraemi**, produzido por volta de 450 d.C., acha-se na Biblioteca Nacional de Paris. O **Códice Baza**, encontrado por Teodoro Baza no Mosteiro de Santo Irineu, na França, em 1581, está vinculado ao quinto século d.C. e encontra-se atualmente na Biblioteca de Cambridge, Inglaterra. O **Códice Washington**, produzido nos séculos quarto e quinto d.C., acha-se no Museu Freer, na capital dos Estados Unidos da América, Washington.

Há, ainda, vários outros códices de menor importância, expostos em museus e bibliotecas de várias partes do mundo. Somente de livros do Novo Testamento, completos ou em fragmentos, conhecem-se hoje 156 códices.

7.1 CONFIRMAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO ANTIGO TESTAMENTO

- Escavações realizadas entre 1925 a 1941, mostraram que Nuzu, atual cidade de Quircuque, data do século XV a.C. Milhares de tabletes foram desenterrados ilustrando: (1) as leis do matrimônio (Gn. 16.1-16); (2) da primogenitura (Gn. 25.27-34); (3) dos terafins (Gn. 31.34) e muitas outras práticas, costumes e leis. Até o nome *Abraão* foi encontrado, embora não especificamente relacionado ao personagem bíblico.

- Essas escavações feitas em Nuzu, nas margens do Rio Tigre, revelaram informações sobre as leis de herança e outros costumes da época de Abraão:

(1) Um homem podia adotar um servo ou escravo para ser seu herdeiro, cumprindo todos os deveres relativos à família e à tribo. Isso explica o caso de Eliézer (Gn. 15.2-4);

(2) Um herdeiro podia ser obtido através de uma concubina ou esposa-escrava, o que explica o caso de Hagar e Ismael (Gn. 16);

(3) A concubina não podia tomar o lugar da esposa na casa, mas a esposa não podia expulsá-la. Isso explica a relutância de Abraão em expulsar Hagar. Só uma ordem divina pode convencê-lo (Gn. 21.12-21).

- Na antiga capital hitita de Bogascoi, na Turquia, foi descoberto um código de leis que lança luz sobre a compra de um campo para sepultamento feita por Abraão. Embora ele quisesse comprar apenas a caverna, precisou comprar a propriedade inteira, pois o proprietário deveria assumir todas as obrigações feudais. Até as árvores existentes no local eram indicadas no documento de compra e venda, de acordo com essas leis hititas (Gn. 23.27ss).

- Após a morte de Terá, Abraão partiu de Harã e foi para a terra de Canaã (Gn. 12.4-5). De acordo com achados arqueológicos, essa região montanhosa era pouco ocupada por uma

população rarefeita, no período 2000-1500 a.C., pelo que as descrições de Gênesis sobre os patriarcas percorrerem as colinas da Palestina Central, e as terras secas do sul, estão corretas. As cidades mencionadas como lugares habitados no tempo dos patriarcas, como Mispa, Gibeá, Siquém, Betel, Dotã, Gerar, Jerusalém (Salém), Berseba foram todas encontradas mediante escavações, e suas antigas histórias têm sido confirmadas.

- Na genealogia de Esaú, mencionam-se os horeus (Gn. 36.20). Outrora chegou-se a pensar que essas pessoas fossem “moradores de cavernas” devido à semelhança entre a palavra “horeu” e a palavra hebraica para ‘caverna’. Hoje, no entanto, as descobertas têm revelado que os horeus constituíam um proeminente grupo de guerreiros que viviam no Oriente Próximo na época patriarcal.

- Durante as escavações de Jericó (1930-1936), Garstang descobriu algo tão surpreendente que ele mesmo e dois outros membros da equipe redigiram e assinaram uma declaração do que haviam encontrado. Sobre esses achados, Garstang diz: *“De modo que quanto ao ponto principal, não há dúvida alguma: os muros caíram para fora de modo tão completo, que os atacantes poderiam escalar as ruínas do muro e penetrar na cidade”*. O que há de incomum nisso é o fato de que os muros das cidades não caem para fora, mas para dentro. Todavia, em Josué 6.20 lemos: *“ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade”* (ARA) ou *“o povo ouviu este som, gritou com toda a força, e a muralha caiu. Aí todos subiram, entraram na cidade...”* (NTLH). Os muros foram construídos para cair para fora.

- Descobrimos que a genealogia de Abraão é, sem dúvida alguma, histórica. Contudo, parece haver alguma indagação sobre se esses nomes representam indivíduos ou antigas cidades. O que se sabe com certeza sobre Abraão é que ele foi um indivíduo, e que de fato existiu. Como Burrows afirma: *“Tudo indica que aqui temos um indivíduo histórico. Conforme comentou-se acima, ele não é mencionado em qualquer fonte arqueológica conhecida, mas seu nome aparece na Babilônia como um nome pessoal e isso no próprio período a que ele pertence”*. Embora possivelmente não surjam provas arqueológicas das histórias dos patriarcas, os costumes sociais ali narrados harmonizam-se com os da época na região dos patriarcas.

- Julius Wellhausen, um crítico bíblico do século XIX bastante conhecido, achou que o registro da pia de bronze com espelhos não fazia parte do texto original do código sacerdotal. Diante disso, ele atribui ao tabernáculo uma data tardia demais para o período de Moisés. Contudo, não existem razões válidas para aceitar a data tardia (500 a.C.) de Wellhausen. Há provas arqueológicas específicas de espelhos de bronze existentes naquilo que é conhecido como sendo o Período Imperial da história egípcia (1500-1400 a.C.). Assim, vemos que esse período é contemporâneo ao de Moisés e do Êxodo (1500-1400 a.C.).

Muitas dessas provas surgiram com as escavações em Nizi e em Mari. A partir do trabalho em Ugarite, lançou-se luz sobre a poesia e a língua hebraicas. A legislação mosaica foi vista nos códigos hitita, assírio, sumério e de Eshunna. Através disso podemos enxergar a vida dos hebreus em contraste com o mundo que os cercava.

Não importa qual seja a convicção religiosa de diversos estudiosos, as descobertas até agora feitas os têm levado a afirmar a natureza histórica das narrativas relacionadas aos patriarcas.

7.2 – CONFIRMAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO NOVO TESTAMENTO

a) Pessoas, Acontecimentos e Cidades Citados no Livro de Atos

É inquestionável a credibilidade de Lucas como historiador. Unger nos informa que a Arqueologia tem confirmado os relatos dos Evangelhos, especialmente o de Lucas. Nas palavras de Unger *“hoje é geralmente aceito nos círculos eruditos que Atos dos Apóstolos é uma obra de Lucas, que pertence ao primeiro século e que exigiu a dedicação de um historiador cuidadoso, o qual foi substancialmente fiel no uso de suas fontes”*.

Sir William Ramsey é considerado um dos maiores arqueólogos que já existiu. Foi instruído de acordo com os princípios da escola histórica alemã de meados do século dezenove. Em consequência dessa formação, ele cria com grande convicção que o Livro de Atos fora composto em meados do século II. Numa pesquisa para fazer um estudo topográfico da Ásia Menor, precisou considerar os escritos de Lucas. Devido às provas surpreendentes que sua pesquisa revelou, viu-se forçado a alterar suas convicções radicais, e comentou: *“Posso afirmar com absoluta certeza que comecei esta investigação sem uma ideia preconcebida em favor da conclusão que procurarei demonstrar ao leitor. Pelo contrário, principiei com uma atitude desfavorável, pois a engenhosidade e a aparente perfeição da teoria de Tubinga haviam, numa certa época, me convencido totalmente. Na ocasião não era meu propósito estudar o assunto minuciosamente; porém, mais recentemente eu me vi em contato com o Livro de Atos, tendo-o como uma autoridade sobre a Ásia Menor em questões de topografia, e de usos e costumes da antiguidade. Para mim foi ficando cada vez mais claro que, em inúmeros detalhes, a narrativa revelava ser maravilhosamente verdadeira. Aliás, principiando com a ideia fixa de que a obra era essencialmente uma composição do segundo século, e jamais aceitando que seus dados refletissem as condições do primeiro século, pouco a pouco vim a descobrir nesse livro um útil aliado na investigação de alguns pontos obscuros e difíceis”*.

O que Ramsey fez de modo conclusivo e definitivo foi eliminar certas possibilidades. Conforme se vê à luz das provas arqueológicas, o Novo Testamento reflete as condições da segunda metade do século I d.C., e não as de qualquer data posterior. Historicamente é da maior importância que isso tenha ficado bem claro. Em todas as questões passíveis de confirmação, percebe-se que o autor de Atos foi de uma precisão e cuidado tão minuciosos como somente um contemporâneo poderia ser.

- Em certa época cria-se que Lucas havia errado completamente nos acontecimentos que apresentou como ocorridos na época do nascimento de Jesus (Lc. 2.1-3). Os críticos afirmavam que não houve censo algum, que Quirino não era governador da Síria naquela época e que ninguém teve que voltar à terra natal de sua família para se recensear.

Primeiro, as descobertas arqueológicas revelaram que os romanos regularmente promoviam cadastramento de contribuintes de impostos e também realizavam censos a cada 14 anos. Na verdade essa prática começou sob o reinado de Augusto e ocorreu pela primeira vez em 23-22 a.C. ou em 9-8 a.C. Esta última data é provavelmente aquela a que Lucas se refere.

- Segundo, temos indícios de que Quirino foi governador da Síria por volta de 7 a.C. Esta pressuposição baseia-se numa inscrição encontrada em Antioquia, que identifica Quirino com esse posto. Em consequência desse achado, atualmente se supõe que ele foi governador duas vezes — a primeira vez em 7 a.C. e a outra em 6 d.C. (a data atribuída por Josefo).

Finalmente, em relação à prática de alistamento, um papiro encontrado no Egito oferece orientação para a realização de um censo. Nele se lê: *“Devido ao censo que se aproxima, é necessário que todos aqueles que, por alguma razão, residem longe de sua terra de origem, preparem-se imediatamente para retornar à região administrativa de origem, a fim de completarem o cadastramento da família e a fim de que as terras cultivadas retenham aqueles a que elas pertencem”*.

- Inicialmente os arqueólogos acreditavam que Lucas estava errado ao afirmar que Listra e Derbe ficavam na Licaônia, enquanto Icônio não ficava (At. 14.6). Baseavam sua crença em escritos romanos, tais como os de Cícero, que indicavam que Icônio ficava também na Licaônia. Por isso, os arqueólogos diziam que o Livro de Atos não era confiável. Em 1910, contudo, Sir William Ramsey encontrou um monumento que mostrava que Icônio era uma cidade da Frígia. Descobertas posteriores confirmaram essa informação.

- Entre outras referências históricas feitas por Lucas, encontra-se a menção a Lisânias, tetrarca de Abilene (Lc. 3.1), identificada com o início do ministério de João Batista em 27 d.C. O único Lisânias conhecido dos historiadores da antiguidade era um que foi morto em 36 a.C. Contudo, uma inscrição datada do período entre 14 e 29 d.C., encontrada perto de Damasco, registra um “liberto de Lisânias, o Tetrarca”.

- Na Carta aos Romanos, escrita da cidade de Corinto, Paulo menciona o tesoureiro da cidade, Erasto (Rm. 16.23). Em 1929, durante as escavações de Corinto, encontrou-se um trecho calçado com a seguinte inscrição: ERASTVS PRO: AED: S: P: STRAVIT (“Erasto, administrador dos edifícios públicos, fez este calçamento às suas próprias custas”). De acordo com Bruce, muito provavelmente o calçamento foi feito no primeiro século. O doador e o homem mencionado por Paulo são, com bastante probabilidade, a mesma pessoa.

- Também encontrou-se em Corinto um fragmento de uma inscrição que, acredita-se, continha na íntegra as palavras “Sinagoga dos Hebreus”. Pode-se imaginar que essa inscrição ficasse sobre a porta da sinagoga em que Paulo debateu sobre o evangelho (At. 18.4-7). Uma outra inscrição de Corinto menciona o “mercado de carne” da cidade, ao qual Paulo se refere em ICoríntios 10.25.

b) As Viagens Missionárias de Paulo

Assim, graças às inúmeras descobertas arqueológicas, a maioria das antigas cidades mencionadas no livro de Atos tem sido identificada. Como resultado dessas descobertas, hoje é possível identificar com precisão o trajeto percorrido por Paulo em suas viagens.

- Lucas escreve sobre o tumulto em Éfeso e descreve a realização de uma assembleia (ecclesia) civil num teatro (At. 19.23ss). Os fatos são que a assembleia realmente se reunia naquele local, conforme se vê numa inscrição sobre estátuas de prata de Diana, as quais deviam ser colocadas no “teatro durante uma reunião formal da Ecclesia”. Feitas as escavações, comprovou-se que o teatro tinha espaço para comportar 25.000 pessoas.

- Lucas também relata um tumulto ocorrido em Jerusalém pelo fato de Paulo levar um gentio ao templo (At. 21.28). Encontraram-se inscrições em latim e em grego com os seguintes dizeres: *“Nenhum estrangeiro tem permissão para atravessar o muro que cerca o templo e a área adjacente. Quem quer que for surpreendido nessa falta será pessoalmente responsável pela morte que lhe advirá”*. Mais uma vez comprovou-se que Lucas estava certo.

▪ Também houve dúvida quanto ao uso que Lucas fazia de certas palavras. Lucas se refere a Filipos como uma “parte” ou “distrito” da Macedônia. Ele emprega a palavra grega *meris*, que é traduzida por “parte” ou “distrito”. F. J. A. Hort acreditava que Lucas estava errado no uso dessa palavra. Ele afirmava que *meris* referia-se a uma “porção”, não a um “distrito”, surgindo aí a razão de sua discordância. As escavações arqueológicas, no entanto, têm mostrado que essa mesma palavra era empregada para descrever as divisões de distrito. Dessa forma, mais uma vez a Arqueologia comprova a exatidão de Lucas.

▪ Atribuíram-se a Lucas outros usos inapropriados de palavras. Tecnicamente ele teria sido impreciso ao referir-se aos governantes de Filipos como *praetores*. De acordo com os eruditos, dois *duumviri* deviam ter governado a cidade. Mas, como sempre, Lucas estava certo. Descobertas têm mostrado que o título *praetor* era usado pelos magistrados de uma colônia romana.

▪ A escolha que Lucas fez da palavra *procônsul* como título de Gálio (At. 18.12) está correta, como comprova a inscrição de Delfos, que num trecho diz “*Lúcio Júnio Gálio, meu amigo e procônsul da Acaia*”.

A inscrição de Delfos (52 d.C.) fornece um período definido de tempo para determinar a época do ministério de um ano e meio de Paulo em Corinto. Disso sabemos pelo fato, revelado por outras fontes, que Gálio assumiu a função em primeiro de julho e que permaneceu no posto por apenas um ano, e que esse um ano na função de procônsul coincidiu parcialmente com o trabalho de Paulo em Corinto.

▪ Lucas trata Públio, o principal líder em Malta, pelo título de “*homem principal da ilha*” (At. 28.7). Através de escavações descobriram-se inscrições que lhe conferem o título de “homem principal”.

▪ Mais um caso é o do uso da palavra *politaxas* para designar as autoridades civis de Tessalônica (Atos 17.6). Uma vez que a palavra *politaxes* não é encontrada na literatura clássica, mais uma vez pressupôs-se que Lucas estivesse errado. No entanto, foram encontradas cerca de dezenove inscrições que empregam esse título. Curiosamente, cinco dessas inscrições referem-se às autoridades de Tessalônica.

▪ Em 1945, foram encontrados nos arredores de Jerusalém dois ossuários na forma de caixas de ossos. Esses ossuários exibiam inscrições que o descobridor Eleazar L. Sukenik afirmou serem “*os mais antigos registros do Cristianismo*”. Esses receptáculos fúnebres foram encontrados num túmulo usado antes de 50 d.C. As inscrições traziam dos dizeres *Iesus iou* e *Iesus aloth*. Também havia quatro cruzes. É provável que a primeira inscrição seja uma oração a Jesus pedindo ajuda, e a segunda, uma oração pela ressurreição da pessoa, cujos ossos se encontravam no ossuário.

Não é de admirar que E. M. Blaiklock, professor de Literatura Clássica na Universidade de Auckland, chegue à conclusão de que “Lucas é um historiador da mais alta capacidade, com todo o direito de ser colocado entre os grandes escritores gregos”.

▪ Durante séculos não se soube de qualquer registro acerca do pátio onde Jesus foi julgado por Pilatos (local denominado Gáбата, ou Pavimento, Jo. 19.13). No livro *A Arqueologia da Palestina*, William F. Albright mostra que esse pátio ficava na Torre de Antonia, que era o quartel-general dos romanos em Jerusalém. Quando da reconstrução da cidade, à época de Adriano, a torre permaneceu soterrada, e só foi descoberta recentemente.

▪ O Poço de Betesda, outro local sem qualquer registro a não ser no Novo Testamento, pode agora ser localizado com uma boa dose de certeza, na zona nordeste da cidade velha (a área denominada Bezeta ou 'Novo Gramado'), no primeiro século d.C., onde durante escavações próximas à Igreja de Santa Ana, descobriram-se vestígios desse poço em 1888.

CONCLUSÃO

A Arqueologia tem trazido à luz dos nossos dias milhares de evidências “externas” que confirmam as narrações da Escritura.

O interesse pelas descobertas arqueológicas se intensificou partir do final do século XIX. Várias convocações foram feitas para que mais investigações topográficas e mais escavações nos pequenos montes das cidades fossem realizadas. Houve uma resposta imediata da Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos, e de outros países. Os governos, as universidades, os museus e pessoas influentes financiaram as expedições, e o trabalho prosseguiu sob a direção de homens e mulheres competentes, que descobriram como as ruínas das civilizações antigas concordavam com o que a Bíblia e outras fontes literárias antigas escreveram sobre elas.

Hoje, após mais de 200 anos de investigações topográficas e arqueológicas, pode-se dizer que o grande exército de eruditos tem recolhido os fios da vida primitiva escondidos sob milhares de montículos que ocultavam antigas cidades, e com eles teceu um painel que concorda quase perfeitamente com as vidas e os acontecimentos em torno dos personagens citados pela Bíblia.

Depois de tentar refutar a historicidade e a validade das Sagradas Escrituras, chega-se à conclusão de que elas são historicamente confiáveis. Se alguém rejeitar a Bíblia alegando não poder confiar nela, terá então, que rejeitar quase toda a literatura da antiguidade. Um problema com que constantemente aparece é a aplicação de um tipo de teste para validar a literatura secular, e outro tipo para a Bíblia. É preciso aplicar o mesmo teste para a literatura secular e para a religiosa. Feito isto, podemos estar seguros de que também historicamente a Bíblia é confiável.

Texto Base: MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL, Pr. Antonio Gilberto, edição atualizada e ampliada de 1999, CPAD.

Outras fontes utilizadas:

A BÍBLIA ANOTADA (ARA), Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991, artigo *A Arqueologia e a Bíblia*, p. 1660-1662.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON (ECA), Frank Charles Thompson, Editora Vida, 2000, artigo *A Bíblia em Português*, Pr. Abraão de Almeida e Pr. Jefferson Magno Costa, p. 1377-1379.

ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA, R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO, Josh McDowell, Vol. I, 3ª edição, 1996, Editora Candeia, confirmações arqueológicas, p.87-91.

Texto compilado e adaptado por Maria Candida Alves – fev2018.